

O RASTO DE SANGUE

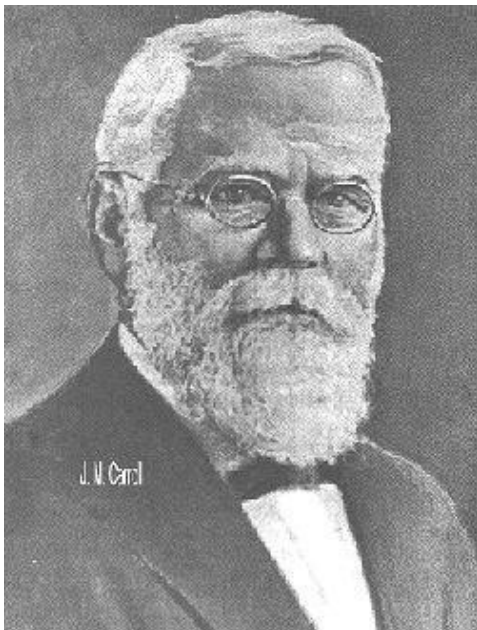
SEGUINDO OS CRISTÃOS ATRAVÉS DOS SÉCULOS,
DESDE OS DIAS DE CRISTO ATÉ O TEMPO PRESENTE

A história das Doutrinas como ensinadas por Cristo
e Seus apóstolos e aqueles que têm sido leais a elas”.

J. M. CARROLL

O RASTO DE SANGUE

Autor: J. M. CARROLL (1858 – 1931)



As palavras ‘Rasto’ e ‘Rastro’ significam a mesma coisa e constam no Dicionário Aurélio Eletrônico.

Pelo uso comum da palavra ‘Rasto’ em todas as publicações deste livro por várias publicadoras, optamos a continuar usando a palavra ‘Rasto’.

Formatação e Capa: Equipe de Publicações SENIB

Edição de livro em domínio público

PREFÁCIO DESTA EDIÇÃO ESPECIAL

POR LEANDRO CAIADO

I

'A história é absolutamente fundamental para um povo. Quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai'.
Disse um ilustre pensador.

II

Desde que me apaixonei pela Teologia quis saber sobre a história dos batistas e durante nossos estudos no Seminário da Nova Igreja Batista em Manaus-Amazonas, deparei-me com esse antigo e surpreendente livro, cheio de ricas citações e baseado em relatos históricos consistentes. O Rasto de Sangue é história pura, que nos leva a refletir sobre nosso próprio destino e participação na obra pela qual tantos deram a sua vida.

III

Há outras versões da história batista, considerando algumas linhas, não utópicas, de uma possível origem pós-reforma protestante. Esta corrente, baseia-se em histórias de algumas igrejas batistas que provavelmente vieram ou se consolidaram pós reforma, mas com certeza não é a história toda. Jesus, o criador da vida, prometeu que as portas do inferno não prevaleceriam sobre sua Igreja, sua noiva. Por isso, a história contada neste livro, vai muito mais profundo. Boa Leitura!

INTRODUÇÃO

POR CLARENCE WALKER

I

O Dr. J. M. Carroll, autor deste livro, nasceu no estado de Arkansas em 8 de janeiro de 1858 e faleceu no Texas em 10 de janeiro de 1931. Seu pai, um pastor Batista, se mudou para o Texas quando o irmão Carroll tinha apenas 6 anos de idade. No Texas ele se converteu, foi batizado e consagrado ao ministério. O Dr. Carroll não se tornou somente um líder entre os Batistas texanos, mas um líder influente entre os Batistas do Sul dos EUA, e do mundo.

Há anos passados ele veio para a nossa Igreja e nos trouxe as mensagens encontradas neste opúsculo. Quando ele assim fazia me tornei grandemente interessado nos seus estudos. Eu também tinha feito pesquisas especiais em torno da História da Igreja, bem como sobre qual seria a mais antiga Igreja e a qual mais se parece com as Igrejas do Novo Testamento.

O Dr. J. W. Porter ouviu os discursos, ficou bastante impressionado e consultou o irmão Carroll se ele escrevesse as mensagens, ele as publicaria num livro. Ele aceitou e as escreveu, autorizando o Dr. Porter publicá-las, juntamente com o mapa anexo, que ilustra a história vividamente.

Infelizmente o irmão Carroll faleceu antes que o livro fosse tirado do prelo, mas o Dr. Porter o colocou à venda

e a edição foi prontamente vendida. Agora, pela graça de Deus, lançamos esta edição. Desejo pedir a todos que lerem e estudarem estas páginas que unam suas orações às minhas, no esforço por tornar sempre crescente o seu número de leitores:

“E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo; para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus... A essa glória na Igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações para todo o sempre. Amém.” (Ef. 3:9,10, 21).

II

Era maravilhoso ouvir o Dr. Carroll contar como se tornou interessado na história das diferentes denominações - principalmente na sua origem (ele escreveu este livro depois de 70 anos de idade), todavia ele disse: “Converti-me a Deus, quando era ainda menino. Vi as diversas denominações e me interessei por saber qual delas teria sido a igreja fundada pelo Senhor Jesus”.

Quando ainda jovem ele sentiu que no estudo das Escrituras e da História, acharia a igreja mais antiga e mais semelhante às igrejas descritas no Novo Testamento. Esta pesquisa pela verdade conduziu-o a muitos lugares e habilitou-o a adquirir uma das maiores bibliotecas sobre a História da Igreja. Esta biblioteca foi oferecida após a sua

morte ao Seminário Teológico Batista do Sudoeste, em Fort Worth, Texas, Estados Unidos da América.

Dr. Carroll encontrou muita coisa sobre a História da Igreja em geral, principalmente sobre a História dos Católicos e Protestantes. Ele descobriu que a História dos Batistas foi escrita em sangue. Os Batistas suportaram o ódio do povo na “Idade de Trevas”. Seus pregadores e membros foram encarcerados e inúmeros foram mortos. O mundo nunca presenciou algo que se compare à perseguição sofrida pelos Batistas na Idade Média, por imposição da Hierarquia Católica. O Papa era o ditador do mundo; por causa disto os Anabatistas de antes da Reforma, chamavam-no de Anticristo.

Sua história está escrita nos documentos legais e papéis avulsos daquele tempo. E é através desses testemunhos que os “RASTOS DE SANGUE” serpeiam no caminho dos séculos, como se pode notar na seguinte narração: “Em Zurique depois de muitas disputas entre Zwinglio e os Anabatistas, o Senado promulgou uma lei, segundo a qual, aquele que se atrevesse a batizar alguém que tivesse sido batizado antes, na infância, fosse afogado!”

“Em Viena muitos Anabatistas foram ligados uns aos outros por cadeias, sendo então arrastados até ao rio, onde, um a um, foram todos afogados”. (Vide Supra, pg. 61).

“Em 1539, d. C. dois Anabatistas foram queimados além de Southwark e um pouco antes deles 5 Anabatistas holandeses foram também queimados em Smithfield” (Fuller Church History).

“No ano 1160 um grupo de Paulicianos (Batistas) entrou em Oxford. Henrique II ordenou que eles fossem publicamente marcados a ferro na testa e açoitados através das ruas, com as vestes cortadas até a cintura, sendo, finalmente, enxotados para as estradas. Nas aldeias não lhes podia ser fornecido qualquer abrigo ou alimento e eles lentamente pereceram de fome e de frio” (Moore, Earlier and Later Nonconformity, in Oxford 12).

O velho cronista Stowe, 1533 d. C., relata:

“A 25 de maio na igreja de S. Paulo em Londres foram interrogados 19 homens e 6 mulheres. Catorze deles foram condenados; um homem e uma senhora foram queimados em Smithfield e os outros 12 foram enviados a outras cidades para serem ali queimados.”

Froude, historiador inglês, diz desses mártires Anabatistas:

“As minúcias são todas perdidas, seus nomes também o são. Isto não importa à narrativa. Para eles a Europa não estava agitada; o tribunal não recebeu ordens de observar a luta, o coração dos seguidores do Papa não tremia de indignação. À sua morte o mundo olhava com complacência, ou indiferença ou mesmo com alegria. Ainda assim, de 25 pobres homens e mulheres haviam achado 14 que nem pelo terror da fogueira ou da tortura, seriam tentados a dizer que não criam naquilo em que realmente criam. A História não tem para eles palavras de louvor, mas ainda assim eles não estavam dando o seu sangue em vão. Suas vidas poderiam ter sido inúteis,

como a vida de muitos de nós. Mas com sua morte eles ajudaram a pagar o preço da liberdade inglesa.”

De igual modo, nos escritos dos inimigos tanto quanto nos de seus amigos, o Dr. Carroll descobriu a História Batista e os rastros sanguinolentos que eles deixaram através dos séculos.

O Cardeal Hosius (Católico, 1504-1579), Núncio Pontifício (1561) do Concílio de Trento, escreveu: “Não fosse o fato de terem os Batistas sido penosamente atormentados e apunhalados durante os 12 últimos séculos, eles seriam mais numerosos mesmo do que todos os que vieram da Reforma!” (Hosius, Cartas, Apud Opera, páginas 112, 113).

Nos mil e duzentos anos que precederam à Reforma, Roma atormentou os Batistas com a mais cruel perseguição que se possa imaginar.

Sir Isaac Newton assim se expressou: “Os Batistas são o único corpo de cristãos que nunca tiveram similitudes com Roma”.

Mosheim, Luterano, escreveu: “Antes de se levantarem Lutero e Calvino, estavam ocultas em quase todos os países da Europa pessoas que seguiam tenazmente os princípios dos modernos Batistas Holandeses”.

Enciclopédia de Edinburg (autor Presbiteriano): “Nossos leitores percebem agora que os Batistas são a mesma seita dos Cristãos que antes foram escritos como Anabatistas.

Realmente parece ter sido o seu princípio dominante desde o tempo de Tertuliano até o presente”.

Tertuliano nasceu exatamente 50 anos depois da morte do apóstolo João.

III

Os Batistas não creem na sucessão apostólica. O ofício apostólico cessou com a morte dos apóstolos. Às suas Igrejas, que Cristo prometeu uma contínua existência desde quando organizou a primeira delas durante o Seu ministério terrestre até que Ele venha outra vez, Ele prometeu: “Edificarei a Minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt. 16:18).

Quando Ele proferiu a Grande Comissão, que foi confiada à Igreja para execução, Ele prometeu: “Estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.” Mt. 28:20.

Esta Comissão - este trabalho - não foi dado aos apóstolos como indivíduos, mas a eles e aos demais presentes na sua capacidade de membros de Igreja. Os apóstolos e demais que o ouviram pronunciá-la, cedo morreram. Mas, sua Igreja tem vivido através dos séculos, fazendo discípulos, batizando-os e ensinando-lhes a verdade - as doutrinas - que Ele comissionou à Igreja de Jerusalém. As igrejas fiéis têm sido abençoadas com a Sua presença, palmilhando com Ele através dos Rastos de Sangue.

Esta História mostra como a promessa do Senhor às suas igrejas tem sido cumprida. O Dr. Carroll mostra que Igrejas tem sido encontradas em todos os séculos “que ensinam as doutrinas comissionadas por Cristo a elas.” Ele chama a essas doutrinas “características” das Igrejas do Novo Testamento.

CARACTERÍSTICOS DAS IGREJAS DO NOVO TESTAMENTO

- Seu cabeça e fundador: Cristo. Ele é o Legislador; a Igreja só executa essas leis. (Mt. 16:18; Cl. 1:18).
- Sua única regra de fé e prática: a Bíblia. (II Tm. 3:15-17).
- Seu nome: “Igreja” ou “Igrejas”. (Mt. 16:18; Ap. 22:16).
- Seu governo: Democrático - todos os membros iguais. (Mt. 20:24-28; Mt. 23:5-12).
- Seus membros: Somente pessoas salvas. (Ef. 2:21; IPd. 2:5).
- Suas ordenanças: Batismo dos crentes e depois disto a Ceia do Senhor. (Mt. 28:19-20).
- Seus oficiais: Pastores e diáconos. (I Tm. 3:1- 16).
- Seu trabalho: Pregar a salvação às pessoas, batizando-as (com um batismo que concorde com todas as exigências da Palavra de Deus), “ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado”. (Mt. 28:16-20).
- Seu plano financeiro: “Assim (dízimos e ofertas) ordenou também o Senhor aos que anunciam o Evangelho, que vivam do Evangelho” (I Co. 9:14).

- Suas armas de combate: Espirituais e não carnis. (I Co. 10-4, Ef. 6:10-20).
- Sua independência: Separação entre a Igreja e o Estado. (Mt. 22:21).

IV

Em qualquer cidade onde existam diferentes igrejas, todas proclamam ser a verdadeira. Dr. Carroll fez como o senhor pode fazer agora: tome os característicos ou ensinamentos das diferentes igrejas e verifique quais delas apresentam esses característicos ou doutrinas. As que os possuírem conforme ensinados na Palavra de Deus, serão as verdadeiras igrejas.

Dr. Carroll seguiu este método no exame das igrejas de todos os séculos. Ele encontrou muitas que se afastaram desses “característicos ou doutrinas”. Outras igrejas, contudo, ele encontrou que mantinham estes característicos em cada dia e em cada época assim como disse Jesus: “Edificarei a Minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Mt. 16:18.

“Estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”. Mt. 28:20.

O RASTO DE SANGUE

ou

SEGUINDO OS CRISTÃOS ATRAVÉS DOS SÉCULOS, DESDE OS DIAS DE CRISTO ATÉ O TEMPO PRESENTE

Ou, para dizer diferente, mas ainda expressivamente:

“A história das Doutrinas como ensinadas por Cristo e Seus apóstolos e aqueles que têm sido leais a elas”.

CAPÍTULO I

“Lembra-te dos dias da antiguidade, atenta para os anos de muitas gerações: pergunta a teu pai e ele te informará, aos teus anciãos e eles to dirão”. Dt. 32:7.

O que conhecemos hoje como “Cristianismo” ou religião cristã começou com Cristo entre os anos 25 e 30 da nossa era, dentro dos limites do Império Romano. Este foi um dos maiores impérios que o mundo tem conhecido em toda a sua história.

O Império Romano abrangia quase a totalidade do mundo conhecido e habitado. Tibério César era o seu imperador.

Quanto à religião o Império Romano era pagão. Tinha uma religião politeísta, isto é, de muitos deuses. Alguns eram deuses materializados e outros deuses imaginários. Havia muitos devotos e adoradores desses deuses. Não era simplesmente uma religião do povo, mas também do Império. Era uma religião oficial. Estabelecida por lei e sustentada pelo governo. (Mosheim Sancionada, vol. 1, cap. 1).

O povo judeu deste período não constituía propriamente uma nação separada, uma vez que se encontravam judeus espalhados através de todo o Império. Eles tinham ainda o seu templo em Jerusalém e ali vinham adorar a Deus; estavam, pois, ciosos da sua religião. Mas, semelhantemente aos pagãos encheram-se de formalismo e perderam seu poder. (Mosheim, Vol. 1, cap. 2).

Não sendo a religião de Cristo uma religião deste mundo, não lhe deu o seu fundador um chefe terreno nem qualquer poderio temporal. Sua Igreja não procurou secularizar-se, nem procurou por qualquer apoio de qualquer governo. Ela não procurou destronar a César. Disse Jesus: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt. 22:19-22; Mc. 12:17; Lc. 20:20). Sendo uma religião espiritual, não visava rivalizar-se com os governos terrenos. Seus aderentes, ao contrário, eram ensinados a respeitar todas as leis civis, como também os governos. (Rm. 13:1-7, Tt. 3:1, I Pd. 2:13-16).

Desejo agora chamar sua atenção para alguns dos característicos ou sinais desta religião - a religião cristã.

O leitor e eu vamos traçar uma linha através destes 20 longos séculos, e com especialidade, através dos 1.200 anos de trevas da meia-noite, escurecidos pelos rios e mares do sangue mártir, razão por que necessitamos compreender bem estes característicos. Eles serão muitas vezes terrivelmente desfigurados. Não obstante haverá sempre algum característico indelével. Mas ainda nos deixarão de sobreaviso, cuidadosos e suplicantes. Encontraremos muita hipocrisia como também muita farsa. É possível que até escolhidos sejam enganados e traídos. Desejamos se for possível, traçar através da história verossímil, mas principalmente através da história verdadeira e infalível, palavras e característicos da verdade divina.

ALGUNS CARACTERÍSTICOS CERTOS E INFALÍVEIS

Atravessando os séculos encontramos um grupo ou grupos de pessoas fugindo à observância destes característicos distintivos e enunciando outras coisas além das doutrinas fundamentais, portanto, tomemos cuidado.

Cristo, o Autor da religião cristã, reuniu Seus seguidores numa organização, a que chamou “Igreja”. E aos discípulos competia organizar outras igrejas e assim essa religião espalhou-se e outros discípulos (Baptist Successions - Ray - Revised Edition, 1º cap.).

Nesta organização, ou Igreja, de acordo com as Escrituras e de acordo à prática dos apóstolos, e as igrejas primitivas

foi dada duas classes de oficiais e somente duas: pastores e diáconos. O pastor era também chamado “bispo”. Ambos eram escolhidos pela Igreja, e para servirem à Igreja.

As Igrejas no seu governo e disciplina eram inteiramente separadas e independentes entre si.

Jerusalém não tinha autoridade sobre Antioquia; nem Antioquia sobre Éfeso; nem Éfeso sobre Corinto e assim por diante. Seu governo era democrático. Um governo do povo, pelo povo, e para o povo.

À Igreja foram dadas duas ordenanças, e somente duas, o Batismo e a Ceia do Senhor. São memoriais e perpétuas. Somente os “salvos” eram recebidos para membros das Igrejas (At. 2:47). Eram salvos unicamente pela graça, sem qualquer obra da lei (Ef. 2:5, 8, 9). Os salvos, e eles somente, deviam ser imersos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mt. 28:19). E unicamente os que eram recebidos e batizados participavam da Ceia do Senhor, sendo esta celebrada somente pela Igreja e na capacidade de Igreja.

Somente as Escrituras Sagradas e, em realidade, o Novo Testamento, são a única regra de fé e de vida, não somente para a Igreja como organização, mas também para cada crente como indivíduo.

Cristo Jesus, O Fundador da Igreja e o Salvador de seus componentes, é o seu Único Sacerdote e Rei, seu Senhor e Legislador e Único Cabeça das igrejas. Estas

executavam simplesmente a vontade do seu Senhor expressa em suas leis completas, nunca legislavam ou emendavam ou abrigavam velhas leis ou formulavam novas. Essa religião de Cristo era individual, pessoal e puramente voluntária ou persuasiva, sem nenhuma compulsão física ou governamental - uma matéria de exame individual e de escolha pessoal. “Escolhei” é a ordem das Escrituras. Ninguém seria aceito ou rejeitado para viver como crente, por procuração ou compulsão de outrem.

Note bem! Nem Cristo nem os Seus apóstolos deram em qualquer tempo aos seus seguidores designações denominacionais como “Católico”, “Luterano”, “Presbiteriano”, “Episcopal”, etc. (A não ser o nome dado por Cristo a João, que passou a ser chamado “O Batista”, João Batista. Mt. 11:11 e mais 10 ou 12 outras vezes). Cristo chamou “discípulo” ao indivíduo que O seguia. Dois ou mais seguidores eram chamados “discípulos”. A assembleia de discípulos, quer em Jerusalém ou Antioquia ou outra qualquer parte era chamada “Igreja”. Se eles fossem se referir a mais de uma dessas organizações autônomas, as nomeariam como “Igrejas”. A palavra “igreja”, no singular, nunca foi usada para designar mais de uma destas organizações. Nem serviu para designar a totalidade delas.

Arrisco em dar mais um característico distintivo. Chamá-lo-ei – a completa separação entre a Igreja e o Estado. Nenhuma coligação, nenhuma mistura dessa religião

espiritual com o governo secular. E adiciono a isto a “completa liberdade religiosa” para todos.

E agora, antes de prosseguir com a sua história em si, deixai-me trazer a sua atenção ao Mapa.

O MAPA

Creio que se o leitor estudar cuidadosamente o mapa anexado a este livro, compreenderá melhor a História e ajudará a sua memória para reter aquilo que ouvir e ler. Lembre-se que esse mapa pressupõe cobrar um período de 2.000 anos de história religiosa. Observe agora em cima e embaixo do mapa as indicações - 100, 200, 300, até 2.000. Elas representam os 20 séculos, sendo que cada século aparece separado pelas linhas verticais. Observe-o agora, quase embaixo. Há uma linha reta que corre da esquerda para a direita ao longo de todo o mapa.

As linhas longitudinais guardam mais ou menos as mesmas distâncias das linhas verticais. Mas o leitor não pode vê-las em todo o percurso. Elas estão cobertas por muitos pontos pretos, os quais representam a época que é conhecida como “A Idade das Trevas” (Idade Média). Serão explicadas depois. Entre as duas linhas inferiores estão os nomes dos países: Itália, Inglaterra, Espanha, França, etc., terminado com a América do Norte. Estes são os nomes dos países onde grande parte da história se desenrolou, sendo que os fatos aparecem ligados aos nomes dos países onde se deram. Certamente que nem

toda a História se deu nesses países, mas alguns de seus fatos neles ocorreram, dentro de determinados períodos. Alguns fatos notáveis da História se deram nesses países naquelas épocas especiais.

Agora, observe outra vez quase embaixo do mapa, outras linhas ou pouco mais elevadas. Compreendem também um pouco da “Idade das Trevas” e estão cheias de nomes, mas desta vez não são nomes de países. Elas contêm apelidos ou nomes que lhes foram dados por seus inimigos. Cristãos - este é o primeiro: “E em Antioquia foram os discípulos pela primeira vez chamados cristãos” (At. 11:26). Isto ocorreu no ano 43 d. C. mais ou menos. Qualquer judeu ou pagão usava este nome contra os cristãos como um meio de escarnecê-los. Todos os demais nomes desta coluna foram dados de igual maneira: Montanistas, Novatistas, Donatistas, Paulicianos, Albingenses, Waldenses, Anabatistas e etc. Todos estes aparecerão depois e serão apresentados com o decorrer do estudo. Mas, olhe novamente o mapa. Veja os círculos vermelhos. Eles estão espalhados em todo ele. Representam igrejas. Somente igrejas locais, na Ásia, na África, na Europa, nas montanhas e nos vales e assim por diante. Visto que o vermelho representa o sangue, elas representam o sangue dos mártires. Cristo, seu fundador morreu na cruz. Todos os outros, senão dois, João e Judas, sofreram o martírio. Judas traiu o seu Senhor e suicidou-se. João, segundo a tradição, foi lançado em um grande caldeirão de óleo quente (OBS: Não morreu e foi então exilado para Patmos).

Poderia notar agora alguns círculos que estão inteiramente pretos - eles representam igrejas também, mas, igrejas desviadas. Igrejas que se tomaram erradas na vida e na doutrina. Houve certo número destas mesmo antes da morte de Pedro, Paulo e João.

Tendo terminado a introdução geral e dado algumas preliminares essenciais passemos à história regular.

PRIMEIRO PERÍODO: 30 A 500 d.C.

Sob a liderança maravilhosa e singular de João Batista, o homem eloquente do deserto sob a delicada influência e milagres e serviços do próprio Cristo, e a maravilhosa pregação dos 12 apóstolos e os imediatos, a religião cristã se desdobrou poderosamente nos primeiros 500 anos de sua história. Contudo, por outro lado um terrível rasto de sangue deixou atrás de si. O judaísmo e paganismo contestaram amargamente todo o avanço do movimento. João Batista foi o primeiro dos grandes líderes a dar sua vida - sua cabeça foi cortada. Logo em seguida, vem o próprio Salvador, o Fundador da religião cristã, que morreu na cruz - a cruel morte de cruz.

Seguindo seu Salvador em rápida sucessão muitos outros heróis foram derrubados pelo martírio. Estêvão foi apedrejado, Mateus morto na Etiópia, Marcos arrastado através das ruas até morrer, Lucas enforcado, Pedro e Simeão crucificados. André amarrado a uma cruz, Tiago degolado; Felipe, crucificado e apedrejado; Bartolomeu

esfolado vivo; Tomé traspassado com lanças; Tiago, o menor, foi jogado do Templo e espancado até morrer; Judas (o Zelote) morreu cravejado de flechas; Matias apedrejado e Paulo decapitado!

Mais de um século se passou antes que todas estas coisas tivessem sucedido. E esta cruel perseguição judaico-pagã continuou por mais dois séculos. E, ainda assim, poderosamente se espalhava a religião cristã. Ela penetrou em todo o Império Romano, Europa, Ásia, África, Inglaterra, Gales e por toda parte onde existia qualquer civilização. As igrejas multiplicaram-se grandemente e o número de discípulos aumentava continuamente. Todavia, algumas das igrejas começaram a descambar para o erro.

A primeira das mudanças aos ensinamentos do Novo Testamento foi no tocante ao governo da Igreja e à doutrina. Nos primeiros dois séculos, as igrejas locais multiplicaram-se rapidamente e algumas mais depressa do que outras como Jerusalém, Antioquia, Éfeso, Corinto, etc. Jerusalém, por exemplo, tinha muitos milhares de membros (At. 2:41, 4:4, 5:14) possivelmente 25.000 ou talvez 50.000 ou mais. O cuidadoso estudante do livro de Atos e das epístolas verá que Paulo estava permanentemente preocupado em manter algumas das igrejas fiéis, quanto às doutrinas. Veja as profecias de Pedro e Paulo com respeito às futuras igrejas (II Pd. 2:12, At. 20:29-31. Veja também Ap. caps. 2 e 3).

Estas grandes igrejas necessariamente tinham muitos pregadores e anciãos (At. 20:17). Alguns dos bispos e pastores começaram a usar uma autoridade que não lhes fora dada no Novo Testamento. Alguns começaram a exercer certa autoridade sobre outras igrejas maiores e também menores. E juntamente a muitos anciãos, começaram a assenhorear-se da herança do Senhor (III João 9). Aqui estava o início de um desvio que se multiplicou em muitos erros igualmente perniciosos.

Aqui estava o gérmen das diferentes ordens no ministério, chegando finalmente ao que hoje é praticado por outros, tanto quanto pelos Católicos. Aqui foi o início daquilo que resultou numa mudança radical no governo democrático original das primeiras igrejas. Esta irregularidade começou em pequena escala, ainda antes do início do 2º século. Este foi provavelmente, o primeiro afastamento sério da norma de uma igreja do Novo Testamento.

Uma outra mudança vital encontrada na História antes do início do 2º século foi na grande doutrina de salvação pela graça. Os judeus, assim como os pagãos, tinham sido treinados durante muitas gerações, com a ênfase do culto, no cerimonialismo. Eles costumavam considerar os tipos pelos antítipos, as sombras pelas substâncias reais, tornando o cerimonialismo como verdadeira agência ou meio de salvação. Quão simplesmente chegaram a considerar assim o batismo! Assim eles arrazoavam: A Bíblia tem muito que dizer com relação ao batismo. Muita ênfase é colocada na ordenança e no dever

concernente a ela. Evidentemente ela deve ter algo a ver com a salvação. Desta forma criou corpo a ideia da “Regeneração Batismal”, iniciada neste período que começou a ganhar aceitação em algumas igrejas (Shackelford, pág. 57; Camp, pág. 47; Benedito, pág. 286; Mosheim, vol. 1, pág. 134; Christian, pág. 28).

O erro seguinte a este e, do qual encontramos menção em alguns historiadores (não todos), teve início no mesmo século e podemos dizer que veio como consequência imediata da ideia da “Regeneração Batismal”. Este erro consistia na mudança dos candidatos ao batismo. Depois que o batismo foi considerado como uma agência ou meio de salvação, pelas igrejas desviadas, quanto mais depressa fosse ele administrado, tanto melhor. Em consequência surgiu o “batismo infantil”. Antes disto “crentes” e “crentes” somente, eram considerados em condições de submeterem-se ao batismo. “Aspersão” e “derramamento” eram formas até então desconhecidas. Vieram muito mais tarde. Por vários séculos os infantes eram, como os demais, imersos. A Igreja Ortodoxa Grega (que é um grande ramo da Igreja Católica) até hoje não mudou a forma original de batismo. Ela pratica o batismo infantil, mas nunca procedeu de outro modo a não ser o da imersão das crianças. Nota: alguns historiadores da igreja põem o início do batismo infantil neste século, mas eu citarei um pequeno parágrafo das “Robinson’s Ecclesiastical Researches” (Pesquisas Eclesiásticas de Robinson):

“Durante os primeiros três séculos as congregações espalhadas no oriente funcionaram em corpos

independentes e separados, sem subvenção por parte do governo, e, conseqüentemente, sem qualquer poder secular sobre uma ou a outra. Em todo esse tempo as igrejas batizavam e, segundo o testemunho dos Pais dos primeiros 4 séculos, até Jerônimo (370, d. C.), na Grécia, Síria e África, é mencionado um grande número de batismos de adultos, sem a apresentação de ao menos um batismo de criança, até o ano 370 d. C.” (Compêndio de História Batista por Shackelford, p. 43; Vedder p. 50; Christian p. 31; Orchard p. 50, etc.).

Convém-nos lembrar que estas mudanças não foram feitas em um dia e nem tampouco dentro de um ano. Elas foram aparecendo lentamente e nunca, a um só tempo, dentro de todas as igrejas. Algumas igrejas vigorosamente as repudiavam. Tanto que em 251 d. C. algumas igrejas leis declararam dissociação às igrejas que aceitavam e praticavam tais erros. Desta maneira veio a primeira separação oficial entre as igrejas.

Notamos, pois, que durante os três primeiros séculos houve o começo de três sérios desvios dos ensinamentos de Cristo e de Seus apóstolos. E um significativo evento aconteceu. Note este sumário e recapitulação:

Mudança quanto à concepção da função do bispo ou pastor e do governo da Igreja, conforme aparece nas páginas do Novo Testamento. Esta mudança desenvolveu rapidamente e foi se tornando mais pronunciada, se bem que também altamente nociva.

Mudança quanto aos ensinamentos do Novo Testamento, com relação à regeneração, pela ideia da “regeneração batismal”.

Mudança no tocante à administração do batismo às crianças, em vez de somente aos crentes. (Esta não se tornou geral e nem tão frequente até o século seguinte).

A “regeneração batismal” e “batismo infantil”. Estes dois erros são, na opinião da bem esclarecida história, causadores de maior derramamento de sangue dos crentes, através dos séculos, do que todos os outros erros combinados ou, possivelmente, do que todas as guerras, não contando com as perseguições se deixarmos de lado a primeira “guerra mundial”. Mais de 50.000.000 de cristãos sofreram o martírio, principalmente por causa de rejeitarem esses dois erros somente no período da “Idade das Trevas” – ou seja, 12 ou 13 séculos.

Três eventos significativos podem ser encontrados na história dos primeiros três séculos, os quais foram observados pela grande maioria das igrejas:

- A separação e independência das igrejas.
- O caráter subordinado dos bispos ou pastores.
- O batismo somente para crentes.

Vou citar agora Mosheim, o maior de todos os historiadores Luteranos - vol. 1, pág. 71 e 72: “Mas qualquer que suponha que os bispos desta idade de ouro da igreja tinham função idêntica à dos bispos dos séculos

seguintes, está confundindo coisas bastante diferentes, pois que neste século e nos seguintes um bispo tinha o encargo de uma só igreja, com a qual podia ordinariamente se reunir em uma casa particular; não era ele o senhor da igreja, mas realmente o seu ministro, ou servo... Todas as igrejas nos primitivos séculos eram corpos independentes, nenhuma delas sujeita à jurisdição de qualquer outra. Além disto, as igrejas que tinham sido fundadas pelos apóstolos tinham frequentemente a honra de consultá-los sobre os casos duvidosos, e, mesmo nestes casos, eles não exerciam uma autoridade judicial, nem controle nem a prerrogativa de dar-lhes leis. Ao contrário, é tão claro como o meio-dia que todas as igrejas cristãs tinham iguais direitos e andavam sob todos os respeitos em pé de igualdade”.

Durante este período, não obstante as muitas e sérias perseguições, o Cristianismo fez maravilhoso progresso. Ele tinha alcançado e ultrapassado os limites do Império Romano. Quase todo o mundo habitado ouviu o evangelho. E, de acordo com alguns historiadores da igreja, muitas das igrejas neotestamentárias, organizadas pelos apóstolos, estão ainda intactas e leais aos ensinamentos apostólicos. Contudo, como temos mostrado, um grande número de erros característicos e perniciosos foram introduzidos e permaneceram em muitas igrejas. Algumas tornaram-se muito irregulares.

As perseguições tinham se tornado terrivelmente amargas. Próximo ao início do 4º século veio, possivelmente, o primeiro e definitivo édito do governo,

autorizando a perseguição. O crescimento maravilhoso do Cristianismo tinha alarmado os líderes pagãos do Império Romano. Então o imperador Galério expediu um édito autorizando mais severa perseguição. Isto ocorreu em 24 de fevereiro de 303

d.C. Até este tempo parece que o paganismo tinha feito a perseguição sem a sanção de uma lei.

Mas este édito falhou inteiramente no seu propósito de impedir o crescimento do Cristianismo e o mesmo imperador Galério, 8 anos depois, promulgou um outro édito anulando o primeiro e concedendo TOLERÂNCIA - permissão para viver a religião de Jesus Cristo. Esta foi provavelmente, a primeira lei favorável ao Cristianismo.

Até o início do ano 313 d. C., o Cristianismo alcançou uma poderosa vitória sobre o paganismo. Um novo imperador veio ocupar o trono do Império Romano. Ele evidentemente reconheceu algo do misterioso poder dessa religião que continuava a crescer, não obstante a perseguição. A História diz que este Imperador que não era outro senão Constantino, teve uma maravilhosa e real visão. Divisou no céu uma CRUZ de brilhante luz vermelha na qual estavam escritas a fogo as seguintes palavras: “Com este sinal vencerás”. Constantino interpretou isto como uma ordem para que se tornasse cristão. Entendeu ainda que abandonando o paganismo e unindo o poder temporal do Império Romano ao poder espiritual do Cristianismo o mundo seria facilmente conquistado. Deste modo, a religião cristã se tornaria uma

religião universal e o Império Romano seria o Império do mundo todo.

Assim sob a liderança do Imperador Constantino veio um descanso, um namoro e uma proposta de casamento. O Império Romano por intermédio do seu imperador pediu em casamento o Cristianismo. Dê-nos o seu poder espiritual e em troca lhe daremos nosso poder temporal.

Para tornar efetiva e consumada esta união profana, um Concílio foi convocado. Em 313 d. C. foi feita uma convocação para que fossem enviados, juntamente, representantes de todas as igrejas cristãs. Muitas, mas nem todas, vieram. A aliança estava consumada. Uma Hierarquia foi formada. Na organização desta Hierarquia Cristo foi destronado como cabeça das igrejas e Constantino foi entronizado (ainda que temporariamente) como cabeça da igreja.

Na Hierarquia estava o princípio definitivo de um desenvolvimento no que conhecemos hoje como a Igreja “Universal”, ou seja, Católica. Pode-se dizer que o seu princípio indefinido era no fim do 2º século ou no início do 3º quando as novas ideias a respeito dos bispos e o governo interno da igreja por eles começaram a se formar.

Deve ser claramente lembrado que, quando Constantino fez a convocação para o citado Concílio houve muitos cristãos (Batistas) que deixaram de responder à mesma. Eles não aprovavam o casamento da religião com o

estado, nem a centralização do governo religioso, nem a criação de uma instituição maior, de qualquer espécie, da própria igreja local. Estes cristãos (Batistas), em suas igrejas, deste tempo ou mais tarde, nunca fizeram parte da hierarquia da denominação Católica.

Quando esta hierarquia foi criada, Constantino, que foi o seu cabeça, não era ainda cristão. Ele tinha concordado a tornar-se cristão. Desde que as igrejas que o acompanharam na fundação desta organização hierárquica, tinham adotado o erro da regeneração batismal, uma séria dúvida nasceu na mente de Constantino: “Se eu sou salvo dos meus pecados pelo batismo, o que acontece com os pecados meus depois do meu batismo?” Constantino levantou assim uma dúvida que perturba o mundo e as gerações subsequentes. Pode o batismo lavar de antemão os pecados não cometidos? ou são os pecados cometidos antes do batismo lavados por um processo (isto é, pelo batismo) e os cometidos depois do batismo, por um outro processo?

Não tendo sido possível resolver satisfatoriamente a muitas questões assim levantadas, Constantino resolveu finalmente unir-se aos cristãos, mas adiando o seu batismo para mais perto da morte, porque assim todos os seus pecados poderiam ser lavados de uma só vez. Este propósito ele seguiu e não se batizou até um pouco antes da sua morte.

Abandonando a religião pagã e aderindo ao Cristianismo, Constantino incorreu em séria reprovação por parte do Senado Romano. Eles repudiaram ou, ao menos,

opuseram-se à sua resolução. Esta oposição resultou finalmente na mudança da sede do Império de Roma para Bizâncio, uma velha cidade reedificada, que logo depois teve o nome mudado para Constantinopla, em honra a Constantino.

Como resultado surgiram duas capitais para o Império Romano: Roma e Constantinopla. Essas duas cidades, rivais por vários séculos, por fim se tomaram o centro da Igreja Católica dividida: Romana e Grega.

Até a organização da hierarquia e da união entre a Igreja e o Estado todas as perseguições ao Cristianismo tinham sido feitas pelo judaísmo ou então pelo paganismo. Agora houve uma séria mudança. Os cristãos nominais começaram a perseguir os cristãos. O desejo de Constantino de ter todos os cristãos unidos a ele, expressa pela sua nova ideia de uma religião unida ao Estado, e opondo-se a muitos que conscientemente repudiavam o afastamento dos ensinamentos do Novo Testamento, começou a usar o poder do governo para os perseguir. Começaram então os dias e anos e até séculos de uma tenaz perseguição contra todos aqueles cristãos que eram leais ao Cristo original e aos ensinamentos apostólicos.

Lembremo-nos agora que estamos considerando eventos que se deram entre os anos 300 e 500 d. C.

A hierarquia organizada sob a liderança de Constantino, rapidamente se concretizou naquilo que agora conhecemos como Igreja Católica. E a novel igreja se

associou ao governo temporal, não mais para ser simplesmente a entidade executiva das leis completas do Novo Testamento, mas começou a ser legislativa, começando a emendar e anular leis primitivas, bem como a criar regras completamente estranhas à letra e ao espírito do Novo Testamento.

Uma das primeiras ações legislativas da Igreja, e uma das mais subversivas quanto aos resultados foi o estabelecimento, por lei, do batismo infantil.

Em virtude desta lei, o batismo infantil tornou-se compulsório - isto ocorreu em cerca de 416 d. C. O batismo de criancinhas já existia, em casos esparsos, provavelmente, um século antes desde decreto. Com a efetivação por lei desta prática dois princípios do Novo Testamento foram naturalmente ab-rogados: o “batismo dos crentes” e a “obediência pessoal e voluntária para o batismo”.

Como consequência inevitável desta nova doutrina e lei, as igrejas desviadas encheram rapidamente de membros não convertidos. E, de fato, não se passaram muitos anos até que a maioria, provavelmente, de seus membros fosse composta de pessoas não regeneradas. Assim os grandes interesses espirituais do Reino de Deus caíram nas mãos de um incrédulo poder temporal. Que se poderia esperar então?

Por outro lado, os crentes e igrejas leais rejeitaram esta nova lei. Certamente que o “batismo de crentes”, o

“batismo do Novo Testamento” era a única lei para eles. Eles não só recusaram a batizar suas crianças, mas, crendo que o batismo devia ser ministrado a crentes somente, recusaram também aceitar como válido o batismo feito pelas igrejas anti- escriturísticas. Se alguns dos membros da igreja hierárquica quisessem se filiar a uma das igrejas fiéis era-lhes exigido uma experiência cristã e o rebatismo.

O rápido curso seguido pelas igrejas leais logo provocou um grande desprazer aos fanáticos da religião do Estado, muito, senão a maioria, dos quais não era de genuínos convertidos. O nome “cristão”, entretanto, foi negado às igrejas que não aceitavam os novos erros. Uma vez privados disto, foram chamados por outros nomes, alguns por uns e outros por outros, como sejam: Montanistas, Tertulianistas, Novacianos, Patelina, e alguns, ao menos, por causa do costume de rebatizar os que haviam sido batizados na infância, foram chamados Anabatistas.

Em 426 d.C., somente 10 anos depois do estabelecimento legal do batismo infantil, foi iniciado o tremendo período que conhecemos como “Idade das Trevas” (Idade Média, anotação do tradutor). Que período! Quão tremendo e sanguinolento o foi! A partir de então, por mais uma dezena de séculos o rasto do cristianismo do Novo Testamento foi grandemente regado pelo sangue dos cristãos. Observe no mapa alguns dos muitos diferentes nomes suportados pelos perseguidos.

Vários destes nomes foram dados por causa de alguns líderes heroicos e alguns por outras causas, sendo que os nomes assim dados variavam frequentemente, tanto com os países, como com o correr do tempo.

Foi ainda no alvorecer da “Idade das Trevas” que o papismo tomou corpo definitivo. Seu início data de Leão II de 440 a 461 d.C. Este título, semelhantemente ao nome dado à Igreja Católica, tinha possibilidade de um amplo desenvolvimento. O nome aparece aplicado primeiramente, para designar o bispo de Roma, 296-304 d.C. Foi formalmente adotado pela primeira vez por Cirilo, bispo de Roma 384-398. Mais tarde foi adotado oficialmente por Leão II, 440-461. Sua universalidade foi reclamada em 707. Alguns séculos mais tarde, foi declarado por Gregório VII, ser o título exclusivo do Papado.

Agora darei uma sùmula dos mais significativos eventos deste período de cinco séculos:

- A mudança gradual do governo democrático da Igreja para o governo de hierarquia eclesiástica.
- A mudança da salvação pela graça para a salvação pelo batismo.
- A mudança do batismo de crentes para batismo infantil.
- A hierarquia organizada. Casamento da Igreja com Estado.
- A sede do Império mudada para Constantinopla.

- O Batismo Infantil estabelecido por lei e tornado compulsório.
- Os cristãos nominais começam a perseguir os cristãos.
- A “Idade de Trevas” começa em 426.
- A espada e a tocha, e não o Evangelho, se tornou o poder de Deus para a salvação.
- Todo o vestígio de liberdade religiosa é desfeito, coberto e enterrado por muitos séculos.
- As igrejas fiéis ao Novo Testamento tratadas por nomes diversos são perseguidas. São ainda açuladas para o mais longe possível do poder temporal católico. O remanescente destas igrejas se espalhou por todo o mundo e é achado, talvez escondido, em florestas, montanhas, vales, antros e cavernas da terra.

CAPÍTULO II 600 a 1300 d. C.

Encerramos o 1º capítulo com o fim do 5º século - e ainda um grande número de fatos que tiveram seu princípio naqueles séculos não foi mencionado. Tínhamos iniciado as considerações em torno do terrível período que é conhecido na história mundial como “Idade Média”. Trevas, sangue, e terror houve desde o seu início. As perseguições pelo estabelecimento da Igreja Católica Romana são duras, cruéis e perpétuas. A guerra de extermínio prosseguiu persistente e inexoravelmente, obrigando os cristãos a se refugiarem em muitas terras. O “Rasto de Sangue” é quase tudo que resta em qualquer lugar. Especialmente através da Inglaterra, Gales, África,

Armênia, Bulgária. Em qualquer lugar cristãos seriam achados os que estavam decididos a permanecerem restritamente leais ao Novo Testamento.

Agora chamaremos atenção aos denominados Concílios Ecumênicos ou Concílios do Império. Será por bem baseados no chamado Concílio de Jerusalém (ver Atos 15). Mas provavelmente nada terá sido mais dessemelhante do que estes Concílios. Chamamos agora a atenção para somente oito, e estes convocados por diferentes imperadores. Nenhum deles convocados pelos Papas e todos eles realizados entre as Igrejas do Oriente ou Igrejas Gregas. Assistiram-nos, todavia, alguns representantes do ramo ocidental ou da Igreja Romana.

O primeiro desses Concílios foi realizado em Nice ou Nicéia em 325 d.C. Foi convocado por Constantino, o Grande, e foi assistido por 318 bispos.

O segundo reuniu-se em Constantinopla em 381 d.C. Foi convocado por Teodósio, o Grande. Assistiram-no 150 bispos. (Nos séculos primitivos a palavra bispo designava simplesmente pastores de igrejas locais).

O terceiro foi convocado por Teodósio II e por Valentiano III. Este contou com a presença de 250 bispos. A reunião se efetuou em Éfeso em 431 d.C.

O quarto reuniu-se na Calcedônia em 451 d.C., e foi convocado pelo imperador Marciano; 500 ou 600 bispos metropolitanos, (metropolitanos eram pastores da cidade

ou pastores de primeira igreja), estiveram presentes a este Concílio. Nele foi promulgada a doutrina que conhecemos como “Mariolatria”. Este dogma compreende a adoração de Maria, mãe de Cristo. Esta nova doutrina no princípio criou grande tumulto. Houve sérias objeções, mas finalmente foi aceita como doutrina da Igreja Católica.

O quinto destes 8 Concílios foi realizado em Constantinopla. Foi o segundo que se realizou ali. Foi convocado por Justiniano em 553 d.C. e assistido por 165 bispos - este concílio aparentemente teve por objetivo condenar certos escritos.

No ano 680 d.C. o sexto Concílio foi convocado. Também foi realizado em Constantinopla e foi convocado por Constantino Pogonato, para condenar heresias. Durante este Concílio o Papa Honório foi deposto e excomungado. Contudo, até este tempo a infalibilidade não tinha sido declarada.

O sétimo Concílio foi chamado para se reunir em Nicéia em 787 d.C. Foi o segundo a se realizar neste lugar. A imperatriz Irene o convocou. Nele parece ter tido início definitivo a adoração de imagens e o culto aos santos. Podeis, por esta amostra, perceber que o povo de então já estava se tornando mais paganizado do que cristianizado.

O último dos “Concílios Orientes” convocados pelos imperadores reuniu-se em Constantinopla em 869 d.C. Foi convocado por Basílio Maredo. A Igreja Católica

tinha entrado em séria tribulação. Havia se levantado uma calorosa controvérsia entre os cabeças dos dois grandes ramos do catolicismo: ocidental e oriental ou romano e grego. Pôncio, o grego, em Constantinopla, e Nicolau I em Roma. Foi tão grande a desavença entre eles que chegaram a se excomungar mutuamente. Desta forma por um pouco de tempo o catolicismo ficou inteiramente sem um cabeça. O Concílio foi convocado principalmente para dirimir esta dificuldade.

Esta cisão no tronco do catolicismo nunca foi até hoje, completamente desfeita. Desde esse tempo até hoje, todas as tentativas para desfazê-la têm falhado. O poder de Latrão (isto é, dos Papas) desde esse tempo começou a ter ascendência. Não os imperadores, mas os Pontífices passaram a convocar os Concílios e os últimos Concílios serão considerados em estudo subsequente.

Há uma nova doutrina para a qual não podemos deixar de atentar. Há, sem dúvida, outras, mas uma especialmente queremos considerar e esta é a da “comunhão infantil”. As crianças eram não somente batizadas, mas recebidas na Igreja e consideradas membros dela, e, portanto, devidamente habilitadas a Ceia do Senhor. Como administrar isto, era o problema, mas foi resolvido embebendo o pão no vinho. Isto foi praticado por anos. E, depois de algum tempo, uma nova doutrina foi adicionada a esta. Passou a ser ensinado que a Ceia era um outro meio de salvação. Uma outra nova doutrina foi mais tarde adicionada a esta. E sobre ela voltaremos a falar mais tarde.

Durante o 5º século, no 4º Concílio Ecumênico, reunido em Calcedônia em 451, uma doutrina inteiramente nova foi acrescentada à já crescente lista de inovações. É a doutrina conhecida como “Mariolatria” ou adoração de Maria, mãe de Jesus. Parece ter sido sentida a necessidade de um novo Mediador. A distância entre o homem e Deus era grande demais para um só mediador, ainda que fosse Cristo o Filho de Deus e realmente Deus-Homem. Pensaram ser Maria necessária como outro mediador e orações foram feitas a ela. As orações seriam levadas a Cristo por ela.

Duas outras novas doutrinas foram adicionadas no século 8o à fé católica. Ambas foram promulgadas pelo 2º Concílio reunido em Nicéia. O 2º Concílio reuniu-se ali em 787. A primeira das doutrinas ali adicionadas foi a que é conhecida como “A adoração de imagens”, uma violação direta do seguinte mandamento de Deus: “Não farás para ti imagens de escultura”. Ex. 20:3, 4, 5. Essa adição é também oriunda do paganismo.

Logo depois seguiu-se “o Culto dos Santos”, doutrina que não tem justificação na Bíblia. Somente um exemplo de invocação dos santos aparece na Bíblia e esse mesmo para mostrar sua perfeita insensatez - o rico orando a Abraão em Lc. 16: 24 - Estas são algumas, não todas, das mudanças revolucionárias aos ensinamentos do Novo Testamento, que vieram durante esse período da História da Igreja.

Durante o período que estamos considerando os perseguidos foram conhecidos por muitos e variados nomes. Entre eles encontramos Donatistas, Paterinos, Paulicianos, Cátaros, e Anabatistas. Um pouco mais tarde sugeriram Petrobrussianos, Arnoldistas, Henricianos, Albingenses e Waldenses. Algumas vezes um desses grupos se destacava e outras vezes o outro. Alguns sempre se evidenciavam, por estarem sob persistente e cruel perseguição.

Não devemos pensar que todos os que sofreram perseguições estavam integralmente fiéis ao Novo Testamento. Na maioria eram leais. E alguns deles, consideradas as circunstâncias em que viveram e lutaram, eram maravilhosamente leais. Lembremo-nos de que muitos dos que viveram neste longo período, possuíam somente partes do Novo Testamento ou do Velho Testamento para usar. A imprensa não tinha sido inventada. O que possuíam eram manuscritos em pergaminho ou peles, ou coisa parecida, sendo por isto, grandes e volumosos. Poucas famílias (se é que alguma) ou Igreja possuíam cópias completadas da Bíblia. Antes do término formal do Cânon (em fins do século IV), havia provavelmente, muito poucos manuscritos completos do Novo Testamento dos 1.000 Mss. conhecidos somente uns 30 incluem todos os livros.

Além disso, durante toda a “Idade Média” e o período da perseguição, tenazes esforços foram feitos para destruir os Mss. das Escrituras, nas mãos dos perseguidos. Assim,

em muitos casos, os grupos só possuíam pequenas partes da Bíblia.

Será bem de notar também que para prevenir a disseminação dos pontos de vista, de certo modo contrários aos da Igreja Católica, muitos planos e medidas extremas foram adotados. Em primeiro lugar, todo e qualquer escrito, que contivesse ideias diferentes das Católicas, seria queimado, especialmente os livros. Por vários séculos esses planos e medidas foram estrita e persistentemente seguidos. Esta é, de acordo com a História, a principal razão por que é difícil de se apresentar um relato minucioso da História. Por toda parte, os que persistiam em escrever e pregar, experimentaram a morte pelo martírio. Este era um período desesperadamente sangrento. Todos os grupos de heréticos persistentes (assim chamados) e por quaisquer nomes apelidados, em qualquer parte onde vivessem eram cruelmente perseguidos. Os Donatistas e Paulicianos foram proeminentes entre os primeiros desses grupos. Os Católicos, estranho como pareça, acusavam a todos que recusavam a abandonar sua fé, que recusavam a crer como Católicos - chamando-os de heréticos e os condenavam como tais. Os chamados Católicos tinham se tornado mais completamente paganizados e judaizados do que mesmo cristianizados e estavam sendo manejados mais pelo poder civil do que pelo poder religioso. Eles cuidavam mais de fazer novas leis do que obedecer às antigas.

Daremos em seguida um pouco das muitas variações por que passaram os ensinamentos do Novo Testamento, durante

esses séculos. Elas, provavelmente, nem sempre aparecerão na ordem em que surgiram. De fato, em alguns casos é difícil senão impossível, dar-se a data exata da origem de várias dessas mudanças.

Algumas apareceram provavelmente com todo o sistema Católico. Cresceram e se desenvolveram. Principalmente nos primeiros anos, seus ensinamentos foram sujeitos constantemente a mudanças. Estas vinham por acréscimo ou subtração; por substituição ou abrogação (É a **revogação total de uma lei ou decreto, de uma regra ou regulamento, por uma nova lei, decreto ou regulamento**). É ainda a ação de cassar, revogar, tornar nulo ou sem efeito um ato anterior) . A Igreja Católica não era mais uma igreja conforme o N. T., se é que o foi algum dia. Ela não era mais um corpo puramente executivo, para cumprir as leis de Deus já estabelecidas, mas uma entidade legislativa, não somente por fazer novas leis, como também por anular a seu jeito as de antes estabelecidas.

Uma das suas declarações deste tempo foi: fora da Igreja não há salvação, da Igreja Católica, criando, portanto, um dilema: ou o homem é Católico, ou está perdido. Não há uma alternativa.

A doutrina das indulgências e a venda de indulgências foi um novo acréscimo absolutamente contrário às doutrinas do Novo Testamento. Mas para tornar prática essa heresia, uma outra precisa ser criada: o estabelecimento de um crédito, que não obstante tivesse o lastro no céu era, contudo, acessível à terra. Assim, o mérito das “boas

obras” como um meio de salvação, devia ser ensinado. Para justificá-lo, colocaram as reservas celestes que davam valor às indulgências passíveis de aumento. O primeiro lastro do fundo das indulgências, foi o que veio pelo trabalho perfeito de Jesus. Como Ele não praticou o mal, a totalidade de suas boas obras não seriam usadas em seu próprio benefício, mas colocadas no fundo de reservas das indulgências. Ainda mais, todo o excedente das boas obras necessárias à salvação dos apóstolos seria adicionado a esse depósito, bem como excedentes das vidas de todos os santos, o que tornou essa reserva imensamente grande.

Mais ainda, toda essa imensa riqueza foi creditada à única Igreja, que tinha permissão para usá-la em suprir as necessidades de algum pecador perdido, cobrando de cada um o que julgava lhe ser possível pagar, para que lhe beneficiasse com o crédito celestial.

Seguiu-se a venda das indulgências. Cada pessoa as poderia comprar para si, ou para seus amigos ou mesmo para os amigos mortos. Os preços variavam na proporção das ofensas cometidas ou a serem cometidas. Isto foi, muitas vezes, levada a absurdos terríveis, dos quais até Católicos não descreem. Algumas histórias ou enciclopédias dão uma lista de preços pelos diferentes pecados para os quais as indulgências eram vendidas.

Mas, uma outra nova doutrina se tomou necessária, imperativa mesmo, para tornar efetivas essas duas últimas. É a doutrina chamada do Purgatório, um lugar

intermediário entre o céu e o inferno, no qual todos devem passar para serem purificados de todos os pecados veniais. Mesmo os santos devem passar através desse lugar, permanecendo lá até a completa purificação, pelo fogo - a menos que eles possam ser socorridos pela aplicação do lastro das indulgências, o que somente pode ser exercido por meio de orações e compra das indulgências pelos vivos - daí a venda das indulgências. Um desvio do Novo Testamento leva a outro inevitavelmente.

Cabe perfeitamente aqui uns parênteses para mostrar as diferenças entre as igrejas Católico- Romana e Católico- Ortodoxa ou Grega:

Quanto às nacionalidades: os ortodoxos são eslavos, abraçando: gregos, russos, búlgaro, sérvio, etc. falantes de grego. Os romanos são principalmente latinos, abraçando: italianos, franceses, espanhóis, americanos do Sul, mexicanos e povos da América Central, etc.

A Igreja Grega recusa a aspensão ou derramamento como batismo. Os romanos usam exclusivamente a aspensão, reclamando a si o direito de mudar a fórmula original do batismo, conforme o plano bíblico que é o da imersão.

A Igreja Católica Grega continua a observar a prática de comunhão para crianças. A Igreja Romana a tem abandonado, usando-a como um outro meio de salvação.

A Igreja Grega na administração da Ceia do Senhor dá o pão e o vinho aos comungantes. A Igreja Romana dá aos comungantes somente o pão, reservando o vinho para o sacerdote.

Na Igreja Grega os sacerdotes se casam. Na Igreja Romana eles são proibidos de o fazer.

Os Gregos rejeitam a doutrina da infalibilidade papal; os Romanos a aceitam e insistem na sua exatidão.

Estes são alguns pontos, aos menos, nos quais essas duas Igrejas divergem. No demais, ao que parece, as Igrejas Grega e Romana, permanecem unidas.

Nossos estudos têm girado em torno dos 9 primeiros séculos. Entraremos agora no 10º século. Olhem, por favor, no mapa. Foi justamente aqui que se deu a separação entre as igrejas Grega e Romana. Depressa veremos, como no correr desses séculos novas leis e doutrinas surgiram - e outras desesperadas e terríveis perseguições. (Schaff. Herzogg, En. Vol. 11, pág. 901).

Novamente chamamos a atenção dos leitores para aqueles que caíram sob a dura prova da perseguição. Se 50.000.000 pereceram, durante os 1.200 anos da “Idade Média”, como a História parece positivamente ensinar, então morreram em média 4 milhões de crentes por século. Isto parece ir além do que permite a concepção humana. Como já foi mencionado, essa mão de ferro se

alimentava com o sangue mártir tirado dos Paulicianos, Arnoldistas, Henricianos, Petrobrussianos, Albingenses, Waldenses e Anabatistas - mais pesada sobre uns que sobre outros. Sobre esta parte terrível de nossa história, passaremos rapidamente.

Vem agora um longo período dos Concílios Ecumênicos, que não foram realizados consecutivamente. Houve através dos anos muitos Concílios que não eram ecumênicos, nem do “Grande Império”. Esses Concílios eram principalmente legislativos para decretar ou emendar leis do poder civil ou religioso, tanto a legislação quanto as leis contrárias ao Novo Testamento.

Lembre-se que esses foram atos de uma Igreja oficializada, uma Igreja casada com um Governo pagão. E esta Igreja se tomou em breve tempo mais paganizada que o Estado cristianizado.

Quando qualquer grupo rejeita o Novo Testamento como norma completa de fé e prática, quer como indivíduos, quer como Igrejas, esse grupo se atira num oceano imenso. Qualquer lei errônea (e toda adição à Bíblia é errônea) inevitável e rapidamente, exige a criação de outra e outras exigem outra, sem limite possível. Eis porque Cristo não deu nem às suas Igrejas nem aos bispos (pastores) poderes legislativos. Convém notar outra vez, mais particularmente, porque o Novo Testamento inclui no seu término essas significativas palavras:

“Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro, que se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro, e se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa, que estão escritos neste livro”. (Ap. 21:18-19).

NOTA: Inserimos aqui esta cláusula parentética como uma advertência. Devem as Igrejas Batistas tomar cuidado quanto às suas resoluções, disciplinares ou não, como as que se dão nas sessões, resoluções essas que podem se constituir em regras que afetam o governo das igrejas. O Novo Testamento contém todas as leis e regras necessárias.

A limitação extrema deste pequeno livro impede-nos de dizer muito acerca desses Concílios ou assembleias legislativas, mas é necessário que se diga alguma coisa pelo menos.

O primeiro dos Concílios Luteranos ou Ocidentais, convocados pelos papas, foi convocado por Calixto II, em 1123 d.C. Assistiram-no cerca de 300 bispos. Nesse Concílio foi declarado que o padre romano não poderia casar-se. Isto foi chamado celibato do clero. Não tentaremos, é claro, relatar todas as resoluções tomadas nesses Concílios.

Anos mais tarde, isto é, em 1139 d.C., o papa Inocêncio II convocou um novo Concílio, que tinha por finalidade

principal condenar o trabalho de dois grupos dissidentes de cristãos, os quais foram conhecidos como Petrobrussianos e Arnoldistas.

Alexandre III convocou ainda outro Concílio em 1179 d.C., 40 anos depois do Concílio precedente, no qual foi condenado o que eles chamavam “erros e impiedades” dos Waldenses e Albingenses.

Exatamente 36 anos após o Concílio anterior; um outro foi convocado pelo papa Inocêncio III. Foi realizado em 1215 d.C. e parece ter sido o mais assistido dentre todos os grandes Concílios. De acordo com a História “havia presentes a esse Concílio 412 bispos, 800 abades e priores, Embaixadores da Corte Bizantina e um grande número de príncipes e nobres.” Pelos componentes dessa Assembleia, podemos deduzir não terem sido somente de matéria religiosa os assuntos discutidos.

Naquele tempo foi promulgada uma nova doutrina: a da “Transubstanciação”, segundo a qual o pão e o vinho da Ceia do Senhor são transformados, realmente, no corpo e no sangue do Senhor, logo após a palavra consagratória do sacerdote. Estas doutrinas entre outras, foi a pedra de toque dos reformadores, poucos séculos mais tarde. Segundo o ensino desta doutrina todos os que participaram ou participam da Ceia do Senhor comeram o próprio corpo e beberam o próprio sangue de Jesus Cristo.

A Confissão Auricular - confissão dos pecados aos ouvidos do sacerdote - parece ter tido seu início nesse

Concílio. Mas provavelmente, o mais sanguento evento de todos que têm sido trazidos sobre os povos em toda a história do mundo, foi o que é conhecido como a “Inquisição” e outros tribunais semelhantes, criados para processar e combater a “heresia”. O mundo todo está cheio de livros que combatem esse ato de crueldade inexcusável, não obstante ter sido criado por um povo que se dizia dirigido pelo Senhor! Não existe nada, absolutamente nada, que possa ultrapassar à crueldade da Inquisição! Eu nem tentarei descrevê-la. Sugerirei simplesmente que os meus leitores procurem ler alguns dos muitos livros escritos sobre a “Inquisição”, deixando que cada um tire a sua própria conclusão. E há ainda uma outra coisa que foi resolvida nesse Concílio como se não bastasse tudo que já mencionamos - refiro-me ao decreto de extirpação de toda “heresia”. É certo que por causa deste decreto muitas páginas negras foram escritas na história do mundo.

No ano de 1229 d.C., 14 anos depois do Concílio que acabamos de mencionar; reuniu-se ainda outro Concílio. (Parece, todavia, não ter sido ecumênico). Foi convocado para Toulouse. Possivelmente uma das mais vitais resoluções dos Católicos foi tomada nesse Concílio. Trata-se do decreto segundo o qual a Bíblia Sagrada seria negada ao uso de todos os leigos, de todas as Igrejas Católicas, a não ser aos padres e oficiais superiores. Determinação incompreensível em face do claro ensino da Palavra de Deus: “Examinais as Escrituras porque vós cuidais ter nelas a vida eterna e são elas que de mim testificam” João 5:39.

Ainda outro Concílio foi chamado a reunir-se em Lion. Foi convocado pelo papa Inocêncio IV em 1245 d. C. Parece ter sido o seu principal objetivo excomungar e depor o imperador Frederico I da Alemanha. A Igreja, noiva adúltera desde o ano 313, quando foi realizado o seu casamento sob a égide de Constantino, o Grande, tinha se tornado a cabeça da casa, ditando normas nos governos estabelecidos e colocando ou arrancando do trono os reis e rainhas, a seu bel-prazer.

Em 1274 d.C., um outro Concílio foi convocado, tendo por objetivo reunir outra vez num, os dois grandes grupos - o Romano e o Grego - formando assim a grande Igreja Católica. Esta grande assembleia falhou completamente no seu propósito.

CAPÍTULO III 1400 a 1600 d.C.

Estes três séculos 15, 16 e 17 são dentre todos os mais acidentados na história do mundo, e especialmente na história do Cristianismo. Houve uma revolução quase contínua dentro da Igreja Católica - tanto grega como Romana - procurando uma reforma. Este despertar de consciência há muito adormecido, o desejo de uma reforma genuína, começou realmente no século 13, ou possivelmente, um pouco antes. A História certamente parece indicar isto.

Voltemos um pouco. A Igreja Católica por seus muitos desvios do Novo Testamento, suas muitas estranhas e

cruéis leis e por seu estado moral desesperadamente decaído e suas mãos e roupas manchadas com o sangue de milhões de mártires, tornou-se repreensível e dolorosamente repulsiva a muitos dos seus próprios adeptos, que eram muito melhores que seus próprios sistemas, leis, doutrinas e práticas.

Vários de seus sacerdotes e demais líderes que foram os mais destemidos, melhores e mais espirituais, um por um, procuraram sinceramente reformar muitas de suas mais censuráveis leis e doutrinas e fazê-la voltar, o quanto antes, ao nível dos ensinamentos do Novo Testamento. Vamos dar alguns exemplos indiscutíveis. Notemos, não somente onde, quando começou ou até que ponto avançou o fogo da reforma, queremos notar os seus líderes. Os líderes eram, ou tinham sido, sacerdotes Católicos ou oficiais do clero. Havia, portanto, um pouco do bom entre o muito mal. Contudo, por esse tempo, provavelmente não havia nenhuma doutrina sequer do Novo Testamento preservada na sua pureza original - mas notemos agora alguns reformadores e onde trabalhavam.

É bom observar, todavia, que nos vários séculos anteriores a esse grande período de reforma, havia um número de importantes caracteres que se rebelaram contra os terríveis excessos do catolicismo e sinceramente procuraram permanecer leais à Bíblia - mas um rasto de sangue foi quase tudo o que deles restou. Vamos estudar, por um momento, o período mais importante - o da "Reforma".

De 1320 a 1384 viveu na Inglaterra um homem que atraiu a atenção de todo o mundo. Seu nome era João Wycliff. Foi ele o primeiro dos destemidos que tiveram a coragem de intentar uma real reforma por dentro da Igreja Católica. A História refere-se a ele várias vezes, como a “Estrela d'Alva da Reforma”. Viveu uma vida sincera e frutífera. Precisaríamos, sem dúvida, escrever vários volumes para contar de algum modo adequado a história de João Wycliff.

Ele foi odiado, terrivelmente odiado, pelos líderes da hierarquia Católica. Sua morte foi persistentemente buscada. Finalmente morreu paralítico. Anos depois, era tão grande o ódio católico para com ele, que seus ossos foram desenterrados, queimados e as cinzas lançadas às águas.

Seguindo bem de perto as pegadas de Wycliff veio João Huss, 1373-1415, um distinto filho da longínqua Boêmia. Sua alma correspondeu ao sentimento da brilhante luz britânica, ou seja, a “Estrela d'Alva”. Sua vida foi destemida e cheia de eventos, mas dolorosa e miseravelmente curta. Ao invés de despertar um ambiente favorável a uma verdadeira reforma entre os católicos, ele despertou medo, aversão e oposição, que resultaram na sua morte amarrado a um poste e queimado - um mártir entre os seus. Todavia, ele procurou o bem de seu próprio povo. Amou o seu Senhor e o seus conterrâneos. Todavia, ele foi apenas um entre os milhões que morreram por essa causa.

Depois de João Huss da Boêmia, veio um maravilhoso filho da Itália, o mui eloquente Savonarola, 1452-1498. Huss foi queimado em 1415 e Savonarola nasceu 37 anos depois. Ele como Huss, ainda que Católico devoto, encontrou os líderes de seu povo - povo da Itália - como os da Boêmia, contrários a qualquer reforma. Mas por sua eloquência poderosa, foi bem-sucedido no despertar de algumas consciências e assegurou um considerável número de seguidores. Uma reforma real, porém, na Hierarquia significava ruína absoluta para os superiores desta organização. Assim, Savonarola, tão bem quanto Huss, devia morrer. E, também ele foi amarrado num poste e queimado. Dos homens eloquentes desse grande período, Savonarola, possivelmente, a todos suplantava.

Não obstante lutava contra uma organização poderosa e essa reivindicava que combatessem contra a reforma, e por isso Savonarola devia morrer.

Naturalmente, por mencionar muitos nomes dos reformadores desse período, outros são omitidos. Só os mais proeminentes na História são aqui mencionados. Seguindo a Savonarola, a “voz de ouro da Itália”, vem um líder da Suíça. Zwingli nasceu antes da morte de Savonarola. Viveu de 1484 a 1531. O espírito da Reforma alastrava por toda a terra. Seu fogo abria caminho e espalhando-se muito rapidamente, tornou difícil refreá-lo. O fogo ateadado por Zwingli não tinha sido senão parcialmente sufocado e já um mais sério que todos os outros irrompera na Alemanha. Zwingli morreu na batalha.

Martinho Lutero - provavelmente o mais importante de todos os reformadores do 15º e 16º. séculos, viveu de 1483 a 1546, e como se pode ver pelas datas, era contemporâneo de Zwingli. Nasceu um ano antes de Zwingli e viveu quinze anos mais. Talvez muito mais do que encontramos registrado na História, os grandes predecessores de Lutero facilitaram o caminho que ele deveria trilhar. Além disso, Lutero aprendeu algo pela dura experiência deles, bem como das que ele próprio teve mais tarde, ou seja, o fato que uma verdadeira reforma no seio da Igreja Católica seria claramente impossível. Muitas medidas reformatórias seriam necessárias. Uma exigia outra e outras exigiam ainda outras e assim por diante.

Assim, Martinho Lutero, depois de ter tido muitas e difíceis batalhas com os líderes do Catolicismo, e auxiliado por Melancton e outros proeminentes alemães, tornou-se em cerca de 1530 o fundador de uma organização cristã inteiramente nova, agora conhecida por Igreja Luterana, que se tornaria em breve a Igreja da Alemanha. Esta foi a primeira das novas organizações a sair diretamente de Roma, renunciando toda lealdade à Igreja Mãe (como é chamada) que sobreviveu.

Deixando por um pouco a IGREJA DA INGLATERRA, que teve seu começo logo depois da Luterana, seguiremos a Reforma no continente. De 1509 a 1564 viveu um outro dos maiores reformadores - era João Calvino, um francês, mas que parecia ao mesmo tempo ter vivido na Suíça. Era

um homem realmente poderoso. Foi contemporâneo de Martinho Lutero por 30 anos, e tinha 22 anos quando Zwingli morreu. Calvino é apontado como fundador da IGREJA PRESBITERIANA. Alguns historiadores, contudo, admitem que foi Zwingli mas as mais fortes evidências favoreçam a Calvino. Indiscutivelmente o trabalho de Zwingli, tanto quanto o de Lutero, tornou muito mais fácil o trabalho de Calvino. Data de 1541, exatamente 11 anos (parece ser esse ano) depois da fundação da Igreja Luterana por Lutero, o início da Igreja Presbiteriana. Esta igreja, como no caso do Luteranismo, foi conduzida por um sacerdote ou oficial, que era Católico reformado. Este seis - Wycliff, Huss, Savanarola, Zwingli, Lutero e Calvino, grandes líderes em suas batalhas para a reforma, feriram o catolicismo até o tornar cambalaente.

Em 1560, 19 anos depois da primeira organização de Calvino em Genebra, Suíça, João Knox, discípulo de Calvino, estabeleceu a 1ª Igreja Presbiteriana na Escócia, e justamente 32 anos depois, em 1592, o Presbiterianismo tornou-se ali a religião de Estado.

Durante todas essas difíceis lutas da Reforma, contínuo e valoroso auxílio foi dado aos reformadores por muitos Anabatistas, ou qualquer outro nome que levavam. Esperando algum alívio para sua dura sorte, eles saíram de seus esconderijos e lutaram corajosamente com os reformadores; todavia, eles estavam condenados a um medonho desapontamento. Haviam de ter, desde então, mais dois inimigos a persegui-los. Tanto a Igreja Luterana como a Presbiteriana trouxeram da sua mãe, a

igreja Católica, muitos de seus males, entre os quais a ideia de uma Igreja do Estado. Ambas tornaram-se Igrejas ligadas ao Estado. Ambas tomaram gosto na perseguição, faltando pouco, se alguma coisa faltava, para igualar-se à Mãe Católica.

Triste e medonho era o destino desses grandes sofrendores, os Anabatistas. O mundo de então não oferecia sequer um lugar onde eles se pudessem esconder. Quatro temíveis perseguidores estão agora furiosos em seu rasto. Na verdade, seu caminho era um “Rasto de Sangue”.

*

Durante o mesmo período, em realidade vários anos antes que os Presbiterianos, levantou-se mais uma nova denominação, não no continente, mas na Inglaterra. Contudo, ela surgiu não tanto como Reforma (ainda que evidentemente a facilitasse) mas como consequência de verdadeira divisão ou cisão nas fileiras católicas. Semelhante à divisão em 869, quando os Católicos do Leste separaram-se dos do Oeste e se tornaram conhecidos na História como Igrejas Católicas Grega e Romana. Esta nova divisão surgiu mais ou menos dessa maneira:

Henrique VIII, rei da Inglaterra, casou-se com Catarina da Espanha. Infelizmente, depois de algum tempo, surgiram algumas dificuldades amorosas, porquanto ele se apaixonara por Ana Bolena. Por isso Henrique queria divorciar-se de Catarina e casar-se com Ana. Obter o divórcio naquele tempo não era coisa fácil. Somente o Papa poderia concedê-lo e, nesse caso, por razões

especiais, o recusou. Henrique ficou num grande apuro. Sendo rei, sentiu que devia ter autoridade para seguir sua própria vontade no assunto. Seu 1º ministro (a esse tempo Thomas Cromwell) chegou a zombar do rei. Por que se submete à autoridade papal em tais questões? Henrique seguiu a sua sugestão, rejeitou a autoridade Papal e fez-se chefe da Igreja da Inglaterra. Começa, desse modo, a nova Igreja da Inglaterra. Isto se consumou em 1534 ou 1535. Nessa ocasião não houve mudança na doutrina, mas simplesmente a renúncia à autoridade papal. Henrique nunca se tornou realmente protestante de coração - morreu na fé católica.

Esse rompimento, finalmente, resultou em várias e consideráveis mudanças, ou reformas. A reforma dentro da Igreja Católica e rejeitando a autoridade papal, como no caso de Lutero e outros tinha sido impossível, tornou-se possível depois desta divisão. Granmer, Latimer, Ridley e outros realizaram algumas notáveis mudanças. Contudo, eles e muitos outros pagaram o preço de sangue por tais mudanças, pois poucos anos mais tarde, Maria, “Maria Sanguinária”, uma filha da divorciada Catarina, subiu ao trono da Inglaterra e levou a nova igreja a submeter-se ao domínio papal, novamente. Esta temível e terrível reação, terminou quando seu temido e sanguinário reino de cinco anos findou. Enquanto as cabeças caíam sob o sanguinário machado de Maria, a sua também acompanhou-as. O povo havia de acostumado de liberdade, e então, quando Elizabete, a filha de Ana Bolena, por quem Catarina foi deixada pelo Rei, tornou-

se rainha, a Igreja da Inglaterra novamente renunciou a autoridade papal e foi restabelecida.

Desse modo, antes de findar o século XVI, havia já 5 igrejas estabelecidas - igrejas oficializadas pelos governos civis: Católica Romana e Grega, contadas como duas; a Igreja da Inglaterra; a Luterana ou da Alemanha; e a Igreja da Escócia, agora conhecida como Presbiteriana. Todas elas foram pródigas em seu ódio e perseguição aos povos chamados Anabatistas, Waldenses e outras igrejas separadas do Estado, igrejas que nunca, de modo algum haviam tido relação com a Igreja Católica. O grande auxílio dos Anabatistas nas peijas em prol da Reforma foi esquecido ou estava sendo então totalmente ignorado. Milhares deles, incluindo mulheres e crianças, pereciam cada dia, como resultado de intermináveis perseguições. A grande esperança despertada e inspirada pela Reforma transformou-se em uma sangrenta desilusão. O remanescente deles encontrou um incerto refúgio nos Alpes e em outros lugares escondidos do mundo.

Essas 3 novas organizações, separadas ou saídas da Igreja Católica, retiveram muitos dos seus erros mais prejudiciais entre os quais os seguintes:

- O governo da hierarquia eclesiástica da Igreja (diferente na forma).
- Igreja oficializada (Igreja e Estado unidos).
- Batismo infantil.
- Batismo por aspensão ou ablução.

- Regeneração batismal (algumas pelo menos, e outras, se muitos dos seus historiadores podem ser acreditados).
- Perseguições contra os outros (ao menos por alguns séculos).

No começo todas essas Igrejas oficializadas perseguiram umas às outras, bem como às demais, até que num Concílio realizado em Augsburg em 1555, um tratado de paz, conhecido como a “Paz de Augsburg” foi assinado entre “Católicos” de um lado e “Luteranos” de outro, concordando em não se perseguirem mais. Deixem-nos sós e nós os deixaremos vós também. Para os Católicos, o lutar contra os Luteranos significava guerra com a Alemanha, e para os Luteranos, lutar ou perseguir os Católicos significava guerra com todos os países onde o catolicismo predominava.

Mas as perseguições não cessaram. Os odiados Anabatistas (hoje chamados Batistas) a despeito de todas as perseguições anteriores, e a despeito do terrível fato de que 50 milhões já haviam sido martirizados, ainda existiam em grande número. Foi nesse mesmo período que ao longo de uma só estrada na Europa, numa distância de 56 quilômetros, encontravam-se de espaço em espaço, postes pontiagudos, no topo dos quais era colocada uma cabeça ensanguentada de um mártir Anabatista. A imaginação humana não pode retratar uma cena tão terrível. E ainda pior foi perpetrada, de acordo com a história verossímil, por um povo que se chamava devoto seguidor do meigo e humilde Jesus Cristo!

Lembre-mo-nos que os católicos não consideram a Bíblia como a única regra de fé e prática. Eles a admitem como verdadeiramente infalível, mas há duas outras coisas igualmente infalíveis: os “Escritos dos Pais” e os decretos da Igreja (Igreja Católica) ou as declarações do Papa infalível.

Desse modo, nunca poderia haver um debate satisfatório entre Católicos e protestantes, ou entre Católicos e Batistas, como também nunca seria possível haver uma base de acordo final. A Bíblia, para os Católicos não pode sozinha decidir coisa alguma.

Tomemos como exemplo a questão do “Batismo” e autoridade final para o ato e para a forma. Eles admitem que a Bíblia indiscutivelmente ensine o batismo e que a imersão como única forma. Mas entendem ao mesmo tempo que a infalível Igreja teve perfeito direito de mudar a forma de imersão para aspensão, mas que os outros não têm esse direito ou autoridade, a não ser autoridade infalível do Papa.

Com certeza o leitor notará, e talvez terá surpresa, que eu estou fazendo poucas citações de outro. Estou me esforçando dar aos leitores em pequeno espaço o que houve de importante e essencial em 20 séculos de história religiosa.

Cabe justamente aqui uma palavra com referência à Bíblia, durante esses séculos tenebrosos. Lembre-mo-nos

que a Bíblia não era ainda impressa e mesmo não havia papel onde pudesse ser escrita, ainda mesmo que a imprensa tivesse sido inventada. O material usado para escrever constava de pergaminhos, peles de cabras ou de carneiros, e papiros, que constava de polpas de algumas espécies de madeira. Assim, para se imprimir um livro do tamanho da Bíblia nesse material em caracteres de punho escritos com estiletes em lugar de penas (como usamos hoje) seria por certo um enorme volume, talvez maior do que o que algum homem pudesse carregar. Não havia, então, mais do que 30 Bíblias completas em todo o mundo. Eram encontradas muitas porções ou livros da Bíblia, como Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos ou algumas das Epístolas ou Apocalipse ou algum livro do Velho Testamento. Sem dúvida que um dos maiores milagres em toda a história do mundo - segundo o meu modo de pensar - é a união de pensamento e crença do povo de Deus, no que respeita aos princípios essenciais e vitais do Cristianismo. Naturalmente, a única explicação para isso está em Deus. Isto é um fato glorioso o possuímos um exemplar completo da Bíblia, cada uma na sua própria língua.

Seria igualmente proveitoso que pensássemos de um modo especial, sobre um outro fato vital em relação à Bíblia. Ele já foi ligeiramente mencionado em capítulo anterior a este, mas é de tal maneira vital que julgamos prudente repeti-lo aqui. Referimo-nos à atitude tomada pelos católicos no Concílio de Toulouse, realizado em 1229 d.C., quando decidiram recusar a Bíblia, a Palavra de Deus, aos “leigos”, que constituíam a vasta maioria

dos Católicos. Estou apresentando aqui exatamente o que eles decidiram no seu grande Concílio. Recentemente um Católico disse-me em particular: “Nosso propósito nisto é impedir a interpretação privada dela”. Não é realmente interessante, que Deus tenha escrito um livro para o povo, mas que o próprio povo fosse vedado lê-lo? E, ainda mais surpreendente quando considera que no dia do juízo a justificação ou condenação do povo será baseada na obediência aos ensinamentos desse livro. Não se maravilhe, pois, da declaração contida no livro: “Examinai as Escrituras porque vós cuidais ter nelas a vida eterna e são elas que de mim testificam” (João 5:39). Tremenda é a responsabilidade assumida pelos Católicos.

CAPÍTULO IV - 17º , 18º , e 19º Séculos

Este capítulo começa com o início do século 17 d.C., ano de 1601. Temos passado rapidamente sobre muitos fatos importantes da história, mas a necessidade nos obrigou a isto.

Este período de 300 anos começa com o levantamento de uma denominação inteiramente nova. Podemos asseverar com certeza que alguns historiadores dão o início da IGREJA CONGREGACIONAL (primeiramente chamada Independente) como tendo sido em 1602.

No entanto, Schaff-Herzog, na sua Enciclopédia coloca o seu início bem antes do século 16, fazendo-o coincidir com o aparecimento dos Luteranos e Presbiterianos. Na

onda grande da Reforma, muitos dos que saíram da Igreja Católica não estavam satisfeitos com os resultados da reforma de Calvino e Lutero. Esses decidiram repudiar o governo da hierarquia eclesiástica e desejaram voltar à ideia democrática, conforme o Novo Testamento, como tinha sido sustentado nos 15 séculos precedentes por aqueles que recusaram entrar na grande hierarquia de Constantino.

O esforço determinado dessa nova organização dessa reforma particular trouxe perseguição amargo, por parte dos Católicos, Luteranos, Presbiterianos e Igreja da Inglaterra - todas igrejas oficializadas. Por outro lado, estes independentes retiveram muitos erros da Igreja Romana, tais como a prática do batismo infantil, aspensão ou ablução por batismo e mais tarde adotaram e praticaram num grau extremo a ideia da Igreja ligada ao Estado. Depois de se refugiarem na América, eles mesmos se tomaram cruéis perseguidores.

O nome “Independente” ou como agora chamado “Congregacionalistas”, é derivado do tipo de governo que adotam para suas igrejas. Alguns dos pontos distintivos da Igreja Congregacional da Inglaterra são dados na Schaff-Herzog Enciclopédia, como se segue:

- Que Jesus Cristo é o único cabeça da Igreja e que a Palavra de Deus é a única regra de fé.
- Que as igrejas visíveis são assembleias distintas, de indivíduos piedosos, separados do mundo por propósitos puros e religiosos, não se conformando com ele.

- “Congregacionalistas”, escolhem seus próprios oficiais e mantêm a disciplina.
- Que em relação ou seu regime interno, cada igreja independente da outra e independente do controle do Estado. (Anotação do Tradutor – No Brasil a Igreja Congregacional perdeu a sua identidade e forma democrática de governo. Também sofreu várias alterações quanto às doutrinas e praxes, diferenciando-se de outros grupos Congregacionais de outras partes do mundo.)

Quão diferentes são esses princípios daqueles que o Catolicismo, o Luteranismo, o Presbiterianismo ou o Episcopado da Igreja da Inglaterra (Chamamos a atenção dos leitores ao fato de que a forma Congregacional acima descrita já não existe entre as Igrejas Congregacionais brasileiras.). Mas, por outro lado, como se assemelham aos Batistas, de hoje, bem como aos ensinamentos de Cristo e seus apóstolos!

Em 1611 apareceu a versão da Bíblia conhecida como a versão do Rei Tiago. Nunca antes a Bíblia fora tão espalhada entre o povo. Iniciada a disseminação geral da Palavra de Deus entre o povo, começou o declínio rápido do poder papal e o início, pelo menos depois de muitos séculos, da ideia de “liberdade religiosa”.

Em 1648 veio a “Paz de Westfália”. Entre outras coisas resultantes deste pacto de paz ressalta-se o acordo tríplice firmado entre as grandes denominações - Católica, Luterana e Presbiteriana - de não mais perseguir uma à

outra. As perseguições entre essas denominações significavam guerra com os governos que as protegiam. Não obstante, todos os demais cristãos, especialmente os Anabatistas, continuaram a receber deles o mesmo e duro tratamento, ou seja, uma persistente perseguição.

Durante todos os 17 séculos as perseguições aos Waldenses, Anabatistas e Batistas (em alguns lugares o Ana começou a ser deixado) continuaram severamente duras. Na Inglaterra, João Bunyan e muitos outros, poderiam testificar das perseguições da Igreja da Inglaterra; na Alemanha a perseguição vinha pelos Luteranos; na Escócia pela Igreja da Escócia (Presbiteriana); na Itália, e na França e em todos os lugares onde o papado exercia domínio, os perseguidores eram os Católicos. Não havia, agora, paz em nenhum lugar para aqueles que não concordavam com as Igrejas que tinham feito o acordo com o Estado, ou ao menos com uma delas.

É um fato fora de dúvida, e que parece na história verossímil, que um retrospecto através da História, mesmo até o 4º século, todos aqueles que recusavam aceitar como válido o batismo daqueles que tinham sido batizados na infância; e que recusavam aceitar a doutrina da “Regeneração Batismal” e que rebatizavam todos aqueles que vinham da Hierarquia eram os Anabatistas. Não obstante tendo sido apelidados com outros títulos, agora eram conhecidos somente como “Anabatistas”. Já no limiar do século 16 o prefixo “Ana” caiu e o nome encurtado para “Batista”, caindo gradualmente todos os

outros nomes. Evidentemente, se Bunyan tivesse existido num período anterior teria sido chamado “Bunitanita” ou “Anabatista”. Provavelmente teriam sido chamados por ambos os nomes, como aconteceu a outros que os precederam.

O nome Batista é um apelido e lhes foi dado por seus inimigos. (Se é que não foi dado legitimamente pelo próprio Salvador, quando Ele se referiu a João, como o “Batista”). Até o dia de hoje o nome Batista nunca foi oficialmente adotado por qualquer grupo de Batistas. O nome, entretanto, se fixou e é voluntariamente aceito e orgulhosamente recebido. Tal nome é perfeito. Este foi o nome distintivo do precursor de Cristo, o primeiro a ensinar a doutrina que os Batistas agora mantêm.

Agora cito um parágrafo mui significativo sobre a “História dos Batistas na Europa”, extraído da Enciclopédia de Schaff-Herzog, vol. 1, pág. 210: “Os Batistas primeiramente apareceram na Suíça provavelmente no ano 1523, onde eles foram perseguidos por Zwingli e pelos Romanistas. Entre 1525-1530, eles são encontrados com grandes igrejas inteiramente organizadas, no Sul da Alemanha, Tirol e na Alemanha Central. Em todos esses lugares as perseguições os fizeram sofrer amargamente”.

(Nota: Tudo isto é anterior à organização, das igrejas protestantes - Luterana, Episcopal, e Presbiteriana).
Continuamos a citação:

“A Moravia prometeu um lar com maior liberdade e para lá muitos Batistas emigraram, descobrindo depois um grande engano. Depois de 1534 os Batistas eram numerosos no Norte da Alemanha, Holanda, Bélgica e nas províncias onde os celtas predominavam. Eles cresceram ainda durante o governo de Alva (Refere-se o autor ao tirano que conhecemos como Fernando Alvares de Toledo - Anotação do Tradutor) governador dos países baixos, e desenvolveram um maravilhoso zelo missionário”. (Observe a frase “Zelo missionário”. E há quem diga que os “Hardshells” são os primitivos Batistas). Anotação do Tradutor - Os “Hardshells” constituem um grupo de crentes que se dizem Batistas, mas que não apoiam o trabalho de missões estrangeiras.

De onde esses Batistas vieram? Não saíram da Igreja Católica durante a Reforma. Antes da Reforma estes Batistas tinham grandes igrejas.

Como uma matéria de considerável interesse, notem as mudanças religiosas na Inglaterra com o passar dos séculos: O Evangelho foi levado à Inglaterra pelos apóstolos e o selo apostólico permaneceu na sua religião até depois da organização da Hierarquia no início do quarto século, e realmente, por mais outro século depois. O Evangelho foi sendo absorvido pelo poder da Hierarquia a qual estava rapidamente se desenvolvendo na Igreja Católica. Permaneceu Católica como a religião do Estado, até a cisma que ocorreu entre 1534-35, durante o reinado de Henrique VIII. Neste tempo foi chamada a Igreja da Inglaterra. Dezoito anos mais tarde, (1553-58),

durante o reinado da rainha Maria (Maria Sanguinária) a Inglaterra voltou a prestigiar os católicos, provocando o derramamento de sangue nos 5 anos deste período. Subiu ao trono Elizabete, que era meia-irmã de Maria, filha de Ana Bolena, a qual subiu ao trono em 1558. Os Católicos foram novamente derrotados e novamente a Igreja da Inglaterra tornou ao poder. Assim a situação permaneceu por quase um século, até que a Igreja Presbiteriana tomou por um pouco de tempo a ascendência, quando pareceu que ela poderia bem se tornar a Igreja do Estado da Inglaterra, como na Escócia. Todavia, seguindo ao tempo de Oliver Cromwell, a Igreja da Inglaterra tornou a seu próprio lugar e continuou desde então como a Igreja oficial até hoje.

Notem o gradual abrandamento das condições religiosas na Inglaterra, das difíceis e terríveis perseguições por parte da Igreja Oficial, por mais de um século.

O primeiro ato de tolerância veio em 1688, 154 anos depois do início dessa Igreja. Este ato permitiu o culto por parte de todas as denominações existentes na Inglaterra, com exceção de duas: os Católicos e os Unitarianos.

O segundo ato de tolerância veio em 1778, 89 anos mais tarde. Nesse ato foram incluídos como livres para o exercício do culto, também os Católicos. Todavia, os Unitarianos ainda continuaram impedidos.

O terceiro ato de tolerância veio em 1813, isto é, trinta e cinco anos mais tarde. Por este ato, foi dada liberdade aos Unitarianos.

Entre 1828-29 foi promulgado o que é conhecido como "Test Act" (Ato de prova) o qual deu aos dissidentes (todos os grupos religiosos que estavam em desacordo com a Igreja da Inglaterra) acesso aos cargos públicos, bem como ao Parlamento.

Em 1836-37 e também em 1844, vieram os Atos de "Registro" e "Casamento", pelos quais foram considerados legais os batismos e casamentos feitos pelos dissidentes.

A "Reform Bill" (ato de libertação) veio em 1854. Por esse edital foram abertas as portas das Universidades de Cambridge e Oxford a todos os estudantes dissidentes. Até esse tempo os filhos dos dissidentes não tinham o direito de entrar em nenhuma das grandes instituições.

Desse modo, foi a marcha do progresso da ideia da Liberdade Religiosa na Inglaterra. Mas cremos ser perfeitamente correto afirmar-se que a liberdade religiosa não pode vir em qualquer país, enquanto nele houver uma Igreja Oficial. Na melhor das hipóteses, pode haver nesses países tolerância religiosa, o que certamente está ainda bem distante da verdadeira liberdade religiosa. Enquanto uma denominação entre várias, num determinado país, é amparada pelo governo com exclusão de todas as outras, este favoritismo e proteção de uma

elimina a possibilidade da absoluta liberdade e igualdade religiosa.

Muito próximo do início do século 18, nasceram 3 meninos na Inglaterra, os quais estavam destinados a deixar no mundo uma profunda e indestrutível impressão. Esses rapazes eram João e Carlos Wesley e George Whitfield.

João e Carlos Wesley nasceram em Epworth (e daqui vem a sugestão para a expressão “Confederação de Epworth”), o primeiro em 28 de junho de 1703 e o segundo a 29 de março de 1708. George Whitfield nasceu em 27 de dezembro de 1714 na cidade de Gloucester. A história dessas três vidas não pode ser narrada aqui, se bem que sejam dignas de serem contadas e recontadas. Esses três jovens tornaram-se os pais e fundadores do Metodismo. Eram todos três, membros da Igreja da Inglaterra e os três estudavam para o ministério, se bem que não houvessem sido ainda convertidos (o que era muito comum entre os elementos do clero inglês. Lembremos, todavia, que nesse tempo os pais frequentemente, se não usualmente, decidiam sobre a profissão ou linha de vida a ser seguida pelos filhos). Aqueles jovens se converteram mais tarde, genuína e maravilhosamente.

Eles não parecem terem tido o desejo de fundar uma nova denominação. Porém, eles afiguram cheios de desejo e realmente empenhados num avivamento da pura religião e uma genuína reforma espiritual na própria Igreja da

Inglaterra. Por esse ideal lutaram na Inglaterra e na América. As portas de suas próprias igrejas logo foram fechadas a eles. Seus serviços eram frequentemente realizados ao ar livre, ou em casas particulares ou, quando dirigidos por Whitfield, nas igrejas das outras denominações. A eloquência de Whitfield atraía grandemente a atenção por toda parte onde ele ia.

A data definitiva da fundação do Metodismo é difícil de ser determinada. Indubitavelmente o Metodismo é mais velho do que a IGREJA METODISTA. Seus três fundadores foram chamados Metodistas, antes que deixassem o Colégio. As primeiras organizações criadas por esses homens, eram chamadas “Sociedades”. Sua primeira conferência anual foi realizada na Inglaterra em 1744. A Igreja Metodista Episcopal, foi organizada oficial e definitivamente na América em Baltimore no ano de 1784. Seu crescimento tem sido realmente maravilhoso. Mas, quando eles saíam da Igreja da Inglaterra, ou da Igreja Episcopal, trouxeram um grande número de erros da Igreja mãe e da Igreja avó. Por exemplo, o governo episcopal da Igreja (governo exercido pela hierarquia). Este foi um ponto de base para muitas guerras internas e divisões no seio da igreja, e por causa dele estão destinados a enfrentar ainda outras ainda. O batismo infantil e a aspersão com forma de batismo, etc. mas há uma outra grande coisa que eles possuem e não trouxeram de lá, ou seja, uma genuína concepção da religião espiritual.

Em 12 de setembro de 1788, nasceu em Antrim, Irlanda, um menino que havia de criar nos anos seguintes, uma completa transformação religiosa em algumas partes do mundo, tendo se tornado o fundador de uma nova denominação religiosa. Este menino chamava-se Alexandre Campbell. Seu pai era um ministro Presbiteriano. Chamava-se Thomaz Campbell e veio para a América em 1807. Alexandre, o filho, que estava no colégio, veio mais tarde. Tendo mudado de ponto de vista eles deixaram os Presbiterianos e organizaram um corpo independente, ao qual chamavam a “Associação Cristã”, conhecida como “The Brush Run Church”.

Em 1811 eles adotaram a imersão como batismo, tendo conseguido persuadir um pregador Batista de os batizar, se bem que o tivessem feito entender que eles não estariam unidos por isso à Igreja Batista. O pai, mãe e Alexandre foram todos batizados. Em 1813 essa igreja independente uniu-se à Associação Batista de Red Stone. Dez anos mais tarde, por causa das controvérsias eles deixaram essa segunda associação e se juntaram a uma outra. Mais controvérsias provocou a saída dessa outra também. É correto dizer-se que eles nunca foram Batistas, nem tenho visto documentos que digam que eles em algum tempo reivindicaram ser Batistas.

Seríamos injustos à história cristã e, especialmente à história dos Batistas, se não disséssemos algumas palavras a respeito de João Bunyan. Em muitos aspectos foi o pregador Batista João Bunyan dos mais célebres homens da história inglesa, e da história do mundo. João

Bunyan, que estava preso 12 anos em Bedford, Inglaterra. João Bunyan, enquanto preso escreveu o mais famoso e o mais lido livro depois da Bíblia - “O Peregrino”. João Bunyan, um dos mais notáveis exemplos de sofrimento e perseguição por amor do Cristianismo.

E a história de Maria Bunyan, filha cega de João Bunyan, que deveria estar na biblioteca de cada Escola Dominical. Há muitos anos que ela estava fora de circulação. Mas creio que agora foi impressa novamente. Eu quase posso desafiar a qualquer homem ou mulher, menino ou menina, a ler essa história e conservar os olhos enxutos!

Uma outra coisa que mereceria ao menos algumas poucas palavras nestas linhas, é o que diz respeito a Gales e aos Batistas de lá. Uma das mais sensacionais histórias na literatura cristã é a história dos “Os Batistas de Gales”. Os Batistas dos Estados Unidos devem mais aos Batistas de Gales, do que pensam. Algumas Igrejas Batistas com todos os seus membros, emigraram de vez de Gales para os Estados Unidos. (Orchard p. 21-23; Ford Chap. 2).

A História do começo do Cristianismo em Gales é extremamente fascinante, e dela isto parece ser verdade. Começa no Novo Testamento (At. 28:30-31; II Tim. 4:21). A história de Cláudio e Pudens, sua visita a Roma, sua conversão depois de ouvir uma pregação de Paulo, trazendo na volta o Evangelho a Gales, sua Pátria, é altamente interessante. Paulo estava pregando em Roma em cerca de 63 d.C. Logo depois, Cláudio, Pudens e outros, entre os quais os dois pregadores, trouxeram o

mesmo Evangelho para a Inglaterra, especialmente para Gales. Quão poderosamente os Batistas de Gales têm ajudado aos Batistas da América, dificilmente poderá ser avaliado.

CAPÍTULO V

A Religião nos Estados Unidos

Através dos Espanhóis e povos de outras raças latinas, que professam o catolicismo, vieram os primeiros representantes da religião cristã, nas Américas Central e do Sul. Mas, na América do Norte, exceto o México, o catolicismo nunca conseguiu dominar. No território atualmente ocupado pelos Estados Unidos, exceto em algumas partes que eram pertencentes ao México, os Católicos nunca conseguiram se tornar bastante fortes, nem mesmo a ter a sua religião estabelecida por lei no tempo da colonização.

No início do período colonial data do princípio do século 17, os primeiros grupos de colonizadores se estabeleceram na Virgínia e um pouco mais tarde no território hoje conhecido como “Nova Inglaterra”. As religiosas, ou melhor dizendo, as irreligiosas perseguições na Inglaterra e no Continente, estavam, ao menos entre as principais razões que motivaram o estabelecimento das primeiras colônias nos Estados Unidos. Dentre os primeiros grupos de emigrantes, não se incluindo o “Jamestown” (1607) e os emigrantes conhecidos como “Peregrinos” (1620), eram dois grupos, um dos quais era os “Puritanos” que eram “Congregacionalistas”. O

Governador Edicott dirigia aquela colônia. O outro grupo era dos Presbiterianos. Entre esses dois grupos existia, todavia, um grupo de cristãos com pontos de vista diferentes, os quais buscavam abrigar-se da perseguição.

O RASTO DE SANGUE NA AMÉRICA DO NORTE

Estes refugiados Congregacionalistas e Presbiterianos estabeleceram colônias diferentes e dentro desses territórios criaram leis próprias e peculiares a seus pontos de vistas religiosos. Em outras palavras, o Congregacionalismo e o Presbiterianismo mantinham, pela lei, seus pontos de vista. Isto trazia a exclusão absoluta de todas as demais religiões. Eles que havia fugido de Mãe Pátria com as marcas sanguinolentas da perseguição, buscando estabelecer um lar de liberdade para si mesmos, logo depois de se estabelecerem em suas próprias colônias e de receberem a autoridade na nova terra, negaram a liberdade religiosa aos outros, e praticaram contra eles os mesmos métodos terríveis de perseguição, especialmente para com os Batistas.

As Colônias Sulistas em Virgínia e Carolina do Norte e do Sul foram povoadas em sua maior parte por aderentes da Igreja da Inglaterra. Os pontos de vista religiosos da Igreja da Inglaterra foram estabelecidos como oficiais nessas colônias. Assim, na nova terra da América, onde havia muitos Congregacionalistas, Presbiterianos e Episcopais os quais vieram ali em busca do privilégio de

adorar a Deus conforme os ditames da sua própria consciência, havia desde cedo três Igrejas Oficiais. Não existia liberdade religiosa para qualquer exceto para aqueles que haviam conseguido o poder governamental. Os filhos de Roma estavam seguindo as pegadas sanguinolentas de sua mãe. Sua reforma estava ainda longe de ser completa.

Entre os imigrantes da América vieram também muitos Batistas que se achavam dispersos (alguns deles ainda chamados anabatistas). Havia provavelmente, em cada um dos navios que vinham da Europa para a América, algum Batista. Eles vieram em grupos relativamente pequenos, e nunca em grandes colônias. Não teria sido permitido a eles virem desta forma. Todavia eles continuavam vindos. Antes das colônias se estabelecerem definitivamente, os Batistas eram numerosos e espalhados por quase toda parte. Logo, entretanto, começaram a sentir o peso de mãos das três igrejas oficiais. Por causa da terrível ofensa de “pregar o Evangelho” e de “rejeitar o batismo para suas criancinhas”, por “combater o “batismo infantil” e coisas parecidas que a consciência Batista rejeitava, por causa disto, foram eles intimados, presos, multados, chicoteados e até banidos e tomadas as suas propriedades! Tudo isto aqui, na América do Norte. De muitas fontes darei umas poucas ilustrações.

Antes que a Colônia de “Massachussetts Bay” atingisse 20 anos, tendo a Igreja Congregacional como Igreja do Estado, já haviam sido estabelecidas leis contra os

Batistas e outros. O exemplo que segue é a amostra de uma dessas leis:

“É ordenado e aceito, se qualquer pessoa ou pessoas desta Jurisdição, que abertamente condene ou se aponha ao batismo infantil ou que secretamente induza outros que o aprovem a negá-lo, ou que propositadamente deixa a congregação, durante o ato de administração da ordenança, depois de determinado tempo de condenação - cada uma dessas pessoas ou pessoa será banida da colônia”. Esta lei foi legislada especialmente contra os Batistas.

Roger Williams, e outros foram expulsos desta colônia pelas próprias autoridades. Uma expulsão na América, por aquele tempo, significava algo de desesperadamente sério. Significava ser lançado no meio dos índios. Uma vez expulso Williams foi recebido gentilmente no meio dos índios e viveu muito tempo entre eles. Depois de ser expulso ele trouxe uma grande bênção à colônia que o banira. Salvou-a da destruição planejada por aquela tribo que o acolhera. Desta forma ele retribuiu o mal com o bem.

Mais tarde Roger Williams, juntamente com outros, alguns dos quais, ao menos, tinham sido banidos desta e de outras colônias, encontrou João Clark, um pregador Batista, e decidiram organizar uma colônia própria. Como ainda não possuíssem autoridade legal da Inglaterra para realizar uma, mas pensaram que seria um passo mais acertado, sob as condições vigentes, formá-la mesmo sem

autorização do que permanecer nas colônias existentes sob o peso das terríveis restrições religiosas as quais estavam expostos. Acharam então uma pequena parte de terra que ainda não havia sido reivindicada por qualquer das colônias existentes, e nela se estabeleceram, ficando então conhecida como Rhode Island. Estava-se no ano de 1638, 10 anos depois do estabelecimento da Colônia de “Massachussetts Bay”, mas somente 25 anos mais tarde (1663) eles conseguiram o reconhecimento legal.

No ano de 1651 (?) Roger Williams e João Clark foram enviados pela Colônia à Inglaterra para assegurar, se possível, a permissão legal para o estabelecimento definitivo dessa colônia. Oliver Cromwell era então o primeiro ministro, mas por qualquer razão negou em atender ao pedido deles. Roger Williams voltou ao seu lar na América. João Clark permaneceu na Inglaterra para insistir no pedido. Anos se passaram e Clark continuou a insistir. Finalmente Cromwell perdeu a sua posição e Carlos II estava no trono da Inglaterra. Não obstante Carlos apareceu na História como um dos mais temíveis perseguidores dos cristãos, foi ele que em 1663 autorizou a licença. Assim Clark, após 12 longos anos de espera voltou ao seu lar, trazendo a autorização. Desta forma, em 1663, Rhode Island se tornou legalmente uma colônia e os Batistas puderam escrever sua própria constituição.

Esta Constituição foi escrita e atraiu a atenção do mundo inteiro. Nela apareceu pela primeira vez no mundo a declaração da “Liberdade Religiosa”.

A batalha pela liberdade religiosa na América, constitui em si mesma uma grande história. Aparentemente os Batistas lutaram sozinhos por um longo tempo. Todavia, eles não lutaram para si somente, mas por todos os povos de todas as religiões. Rhode Island, a primeira colônia Batista, estabelecida por um pequeno grupo de Batistas, depois de 12 anos dos maiores esforços para sua legalização, tornou-se o primeiro lugar sobre a face da terra, onde a liberdade religiosa foi estabelecida por lei. A colônia foi iniciada em 1638 e legalizada em 1663.

Foram organizadas duas Igrejas Batistas nesta colônia, antes mesmo de sua legalização. Quanto à data exata do estabelecimento, ao menos de uma dessas Igrejas, os Batistas não estão unânimes. Todos parecem concordar com a organização de uma delas - a de Providência - em 1639 por Roger Williams. Para a Igreja organizada em Newport por João Clark, todo o testemunho dos anos subsequentes parece dar como data de organização o ano de 1638. Todos os testemunhos anteriores a esses parecem colocar a data da organizada por Roger Williams em Providência mais tarde. Essa durou poucos meses. A organizada por João Clark em Newport ainda permanece. Minha própria opinião sobre essas datas, baseada em toda informação disponível, é que a data correta para a Igreja de Newport é a de 1638. Pessoalmente eu tenho certeza que essa é a data correta.

Com respeito às perseguições em algumas das colônias americanas vamos mencionar alguns exemplos. De certa feita, estava enfermo um dos membros da Igreja de João

Clark. A família morava na Colônia Massachusetts Bay, a poucos passos da fronteira, João Clark e um pregador visitante de nome Crandall e um leigo de nome Obadias Holmes, foram visitar a família enferma. Enquanto eles estavam realizando um culto de oração com a família doente, um oficial ou oficiais da colônia prenderam-nos e mais tarde foram apresentados perante o tribunal para serem processados. Também é dito que para arranjar uma acusação mais forte contra eles, foram levados para uma reunião religiosa da igreja deles (Congregacional) tendo suas mãos amarradas (sic!). A acusação deles foi a de não “tirarem seus chapéus num serviço religioso”.

Todos foram processados e condenados. O governador Endicott estava presente. Zangado disse a Clark, durante o julgamento: “Tendes negado o batismo infantil” (isto não era acusação contra eles). “Mereceis morrer. Não quero um traste deste em minha jurisdição”. Como pena deviam pagar uma multa ou serem bem açoitados. A multa de Crandall (o visitante) foi de cinco libras (U\$25); a pena de Clark (o pastor) foi de 20 libras (U\$100). A multa de Holmes (os registros dizem que ele foi Congregacional antes de se tornar Batista) foi de 30 libras ou sejam U\$150. As multas de Clark e Crandall foram pagas por amigos. Holmes recusou igual obséquio alegando que não havia errado, razão que foi chicoteado. Os arquivos dizem que ele “se despira até a cintura” e que foi açoitado com chicote tipo especial até que o sangue lhe cobriu as costas, descendo pelas pernas até lhe encher os sapatos! Dizem ainda que o seu corpo foi de tal maneira escoriado que por mais de duas semanas ele não

podia deitar, porque incisuras lhe impediam de tocar o leito. Para que pudesse dormir era-lhe necessário o estirar-se, tendo os joelhos e cotovelos no chão, como suporte ao corpo. Li todas as memórias que existem em relação ao açoitamento e demais sofrimentos de Holmes, bem com as suas declarações. Dificilmente esse drama poderia ter sido mais brutal. E isto aqui na América do Norte!

Painter, uma outra vítima, também chicoteado porque recusou “batizar o seu filho”, tendo dado opinião: o “batismo infantil era uma ordenança anticristã”. Por causa dessas ofensas Painter foi amarrado e chicoteado. O governador Winthrop diz-nos que Painter foi açoitado “por reprovar a ordenança do Senhor”.

Na colônia onde o Presbiterianismo era religião oficial, os dissidentes (Batistas e de outras seitas) não tiveram acolhida melhor da colônia de Massachussetts Bay onde o Congregacionalismo era a religião do Estado.

Nesta colônia havia uma comunidade Batista. Somente cinco famílias não o eram. Como Batistas reconheciam as leis sob as quais estavam e, conforme nos dizem os documentos, obedeceram-nas. Ocorreu então o seguinte incidente:

Foi decidida pelas autoridades que seria construída uma casa de cultos para os Presbiterianos, na comunidade Batista. O único caminho para se conseguir isto seria o de se criar um imposto especial. Os Batistas reconheceram a

autoridade de criar esse novo imposto aos Presbiterianos, mas fizeram ao mesmo tempo uma petição: “Estamos iniciando nossa comunidade. Nossas pequenas casas foram há pouco concluídas e acabamos de plantar nossas pequenas hortas e jardins. Nossos campos não estão ainda limpos. Além disto estamos pagando um imposto para a construção de uma fortaleza que nos ponha a seguro dos ataques dos índios. Não poderemos, possivelmente, pagar outro imposto agora”. Esta é somente a súplica da petição que fizeram. O imposto foi criado. Não lhes seria possível pagá-lo. Um leilão foi anunciado. As vendas foram feitas. Suas casas, jardins, hortas, e até cemitérios foram vendidos. Somente não o foram os campos ainda não preparados. Uma propriedade avaliada em 363 libras e 5 shillings foi vendida por 35 libras e 10 shillings. Algumas dessas propriedades haviam sido compradas pelo ministro Presbiteriano que ia pregar lá. A comunidade foi abandonada e deixada em ruínas.

Um grande livro poderia ser cheio dessas leis opressivas. Impostos terríveis e desrespeitos flagrantes foram desfechados duramente contra os Batistas. Mas aqui não podemos entrar nesses pormenores.

Nas colônias do Sul, através dos Estados de Carolina do Norte e do Sul, e especialmente Virgínia, onde a Igreja da Inglaterra dominava, a perseguição aos Batistas foi séria e continuada. Muitas vezes seus pregadores foram multados e aprisionados. Desde o início do período colonial até a Guerra da Independência, mais de 100 anos a perseguição aos Batistas foi continuada.

Daremos agora alguns exemplos das aflições dos Batistas da Virgínia e seria interessante notar que Virgínia foi o 2º lugar no mundo seguindo a Rhode Island onde a liberdade religiosa foi adotada. Mas isto foi um século mais tarde. Antes disto, cerca de 30 pregadores em tempos diferentes foram presos, tendo como única acusação contra si: o fato de “pregarem o Evangelho do Filho de Deus”. Jayme Ireland é um exemplo disso. Ele foi preso. Depois disto os seus inimigos tentaram a matá-lo com pólvora. Tendo falhado neste primeiro esforço quiseram sufocá-lo até a morte, queimando enxofre sob as janelas da prisão. Tendo falhado outra vez, tentaram envenená-lo com o auxílio de um médico. Tudo falhou. E Ireland continuou a pregar para o seu povo das janelas da prisão. Um muro foi construído em redor da cela para impedir que o povo o visse ou fosse visto por ele, mas ainda esta dificuldade foi vencida. O povo amarrou um lenço à ponta de uma comprida vara a qual era levantada para mostrar a Ireland que todos estavam reunidos. As pregações continuaram.

Três outros ministros Batistas (Luiz e José Gaig e Aarão Bledsoe) foram presos mais tarde com a mesma acusação. Um deles ao menos era parente de R. E. B. Baylor (Anotação do Tradutor - R E B - Baylor foi um dos fundadores da “Baylor University”, a maior universidade Cristã do mundo, com sede em Waco, Texas. Sua matrícula já atingiu um número superior a 3.000 alunos!) e possivelmente um ou mais outros pastores Batistas de Texas. Estes ministros foram chamados perante o tribunal para serem processados. Patrick Henry, tendo ouvido isto

veio a cavalo de grande distância e, não obstante pertencer à Igreja Anglicana, se ofereceu os seus serviços a sua defesa. Não posso dar aqui uma descrição da mesma. A sua defesa foi grande. Ela encantou o tribunal. Os pastores foram libertados.

Como em Rhode Island e outros lugares a liberdade religiosa veio devagar e por partes. Por exemplo: Em Virgínia foi promulgada uma lei dando permissão aos municípios de terem um pastor Batista, mas somente um. Este pastor poderia pregar, mas uma só vez de dois em dois meses. Mais tarde esta lei foi modificada, permitindo a pregação uma vez cada mês. Mas, ainda, assim em um só lugar do Município e um único sermão naquele dia, mas nunca pregado à noite. Outras leis foram passadas não somente na Virgínia, mas, em outros lugares, proibindo positivamente qualquer trabalho missionário. Foi esta lei que causou Judson ser o primeiro missionário norte americano no estrangeiro. Passou-se longo tempo e muitas batalhas foram travadas na Câmara da Virgínia para que essas leis fossem grandemente modificadas.

Evidentemente um dos maiores obstáculos à liberdade religiosa na América e provavelmente em todo o mundo, foi a convicção entre os povos através dos séculos de que é impossível o desenvolvimento da religião sem o apoio financeiro governamental. Nenhuma denominação poderia prosperar simplesmente pelas ofertas de seus seguidores. Este foi um argumento difícil de ser vencido, quando lutava a batalha pela desoficialização da Igreja da Inglaterra no Estado de Virgínia, como também mais

tarde no Congresso, ao ser discutida a liberdade religiosa. Por longo tempo os Batistas batalharam quase sozinhos.

Rhode Island começou sua colônia em 1638, mas não foi legalmente reconhecida até 1663. Foi o primeiro lugar do mundo onde a liberdade religiosa foi autorizada. O segundo lugar foi Virgínia em 1786. O primeiro artigo da Constituição norte-americana, segundo o qual seria garantida a liberdade religiosa para todos os homens, uma lei que entrou em vigor, 15 de Dezembro de 1791. Os Batistas são reconhecidos como os líderes do movimento que trouxe essa bênção à nação.

Citemos um dos primeiros incidentes ocorridos na Câmara Federal, com relação a esse assunto. Estava sendo discutida a conveniência dos Estados Unidos terem uma Igreja oficial ou várias Igrejas oficiais ou a liberdade religiosa.

Várias e diferentes propostas foram feitas. Uma recomendava que a Igreja da Inglaterra fosse reconhecida como oficial. Outra que fosse a Igreja Congregacional a oficial, e, ainda outros, optavam pela Presbiteriana. Muitos Batistas, provavelmente nem um deles membro do Congresso, estavam pugnando pela absoluta liberdade religiosa. James Madison, (mais tarde presidente) era o defensor principal deles.

Patrick Henry levantou-se e fez uma proposta substitutiva para todas: “Que as quatro igrejas ou denominações - Igreja da Inglaterra ou a Igreja Episcopal,

Congregacional, Presbiteriana e Batista - fossem consideradas oficiais”.

Finalmente, cada representante sentiu que a sua denominação não poderia - segundo essa proposta - ser a oficial. Foi resolvido, então, por eles que a proposta de Henry fosse aceita, prontificando-se a tomar o compromisso nessa base. (Segundo esta proposta substitutiva cada indivíduo estava no direito de decidir qual denominação seria beneficiada pelos impostos pagos por ele). Os Batistas continuaram a lutar contra tudo isto; qualquer união entre a Igreja e o Estado estava contra os seus princípios fundamentais, razão por que eles não aceitavam isto, ainda que fosse votado. Henry insistiu com eles para que aceitassem isto, disse que ele estava se esforçando por ajudá-los e que eles não viveriam sem esse auxílio, mas ainda assim eles continuaram recusando. Feita a votação, a proposta de Henry foi aceita quase que por unanimidade. A proposta tinha de ser votada três vezes. Os Batistas dirigidos por Madison e possivelmente por outros, continuaram a lutar. Veio a segunda votação. Novamente foi a proposta quase unanimemente aceita, em parte devido à grande eloquência de Henry. Mas faltava ainda a terceira votação. Agora parece que Deus interveio nesta vez. Henry foi nomeado governador de Virgínia e deixou o Congresso. Vinda a terceira votação ausente a eloquência poderosa de Henry, a proposta caiu.

Assim os Batistas quase se tornaram uma denominação oficializada, apesar do seu mais solene protesto. Esta não é a única oportunidade que os Batistas tiveram de se

tornar uma denominação estabelecida por lei, mas é, provavelmente, a expediência que mais perto disto os levou.

Não muito depois desse tempo a Igreja da Inglaterra perdeu inteiramente a oficialização na América. Nenhuma denominação religiosa tinha o apoio do Governo Federal (se bem que em poucos Estados ainda houvesse algum oficialismo). A Igreja e o Estado, daí por diante foram completamente separados nos Estados Unidos. Estes dois - a Igreja e o Estado - tinham vivido em toda a parte por mais de 1.500 anos (desde 313 num casamento altamente ilícito.)

A liberdade religiosa, pelo menos nos Estados Unidos, ressuscitou para não mais morrer; e agora, gradualmente ela vai se infiltrando em outros lugares através do mundo, mesmo lentamente.

Esta morte, todavia, foi tarefa altamente difícil. A Igreja e o estado continuaram unidos em vários Estados, depois de ter sido colocada na Constituição dos Estados Unidos a liberdade religiosa. O Estado de Massachussetts onde a ideia da união de Igreja e Estado foi primeiramente aceita na América do Norte como já dissemos, finalmente cedeu à liberdade religiosa. Isto só veio depois de dois e meio séculos. O Estado de Utah é o único lugar que ainda desfigura a bela ideia de “Liberdade Religiosa” na primeira e maior nação na terra que adotou e amou a liberdade religiosa. Convém lembrar que não pode haver

uma absoluta liberdade religiosa em qualquer nação onde o Governo sustenta qualquer denominação religiosa.

Algumas interessantes perguntas têm sido feitas muitas vezes aos Batistas: “Aceitariam eles, como denominação, a oferta de qualquer nação para a sua ‘oficialização’ se tal país pudesse livremente fazer esta oferta? E, caso aceitassem esta oferta, tornar-se-iam eles perseguidores de outros, como os Católicos, Episcopais, Luteranos, Presbiterianos ou Congregacionais? Provavelmente que uma pequena consideração a essas indagações não seria inútil. Tem tido os Batistas de fato estas oportunidades?” Porventura recordais da história de quando em certo tempo o Rei dos Países Baixos (que naquele tempo compreendia num só grupo a Noruega, Suécia, Bélgica, Holanda e Dinamarca) tinha em profunda consideração a questão de uma religião oficial? Seu reino estava cercado por todos os lados de nações que tinham igrejas oficiais - sustentadas pelo Governo civil.

Diz a História que o Rei da Holanda nomeou uma comissão para examinar os princípios de todas as denominações existentes lá, para verificar a que mais se aproximava da Igreja do Novo Testamento. A Comissão voltou com o relatório de que os Batistas eram os melhores representantes dos ensinamentos do Novo Testamento. Então o Rei ofereceu para “oficializar” a denominação Batista em seu reinado. Os Batistas gentilmente agradeceram-lhe a oferta, mas declinaram dela, alegando que isto era contrário às suas convicções e princípios fundamentais.

Mas não foi esta a única oportunidade que lhes oferecida de ter a sua denominação como uma religião oficial. Eles certamente tiveram a mesma oportunidade quando a colônia de Rhode Island foi fundada. E, teria sido impossível a um Batista perseguir outros e continuar sendo Batista. Eles foram os primeiros advogados da “Liberdade Religiosa”. Este é realmente um dos artigos fundamentais da sua fé. Eles creem na absoluta separação entre a Igreja e o Estado.

Tão forte a convicção dos Batistas na questão da separação entre o Estado e a Igreja que eles têm declinado invariavelmente de todas as ofertas de ajuda por parte do Estado. Daremos dois exemplos em seguida um em Texas e outro no México.

Há muitos anos passados, quando a Universidade de Baylor estava no início, o Estado de Texas ofereceu ajudá-la. A Universidade declinou do auxílio não obstante estar em grande necessidade. Os Metodistas de Texas tinham iniciado uma escola neste mesmo tempo. Eles aceitaram o auxílio do Estado; esta escola finalmente caiu nas mãos do Estado.

O caso do México ocorreu assim: W. D. Powell era nosso missionário no México. Por seu trabalho tinha conseguido criar uma impressão favorável aos Batistas, diante do Governador Madero do Estado de Coahuila, México. Madero ofereceu uma grande oferta do Governo aos Batistas, se estabelecerem uma boa escola no Estado de Coahuila. A questão foi submetida por Powell à Junta de

Missões Estrangeiras. Foi rejeitada porque era do Estado. Mais tarde Madero deu pessoalmente uma grande quantia e foi aceita e o Instituto Madero foi construído e estabelecido.

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

Durante todo o período da “Idade Média” muitos cristãos e muitas Igrejas locais, independentes, algumas das quais com data contemporânea aos apóstolos, as quais nunca, em qualquer maneira se ligaram à Igreja Católica. Esses grupos rejeitaram inteiramente os Católicos e suas doutrinas. Este é um fato claramente demonstrado pela História verossímil.

Tais cristãos foram sempre o objeto de amarga e contínua perseguição. A história mostra que durante o período da Idade Média, quase doze séculos contando-se desde o seu início em 476 d.C., houve perto de 50 milhões desses cristãos os quais sofreram a morte pelo martírio. Muitos milhares de outros, quer precedendo ou sucedendo à “Idade das Trevas”, pereceram sob o mesmo terror de mãos perseguidoras.

Aqueles cristãos, durante esses dias tristes de muitos séculos foram tratados por muitos e diferentes nomes, todos dados por seus inimigos. Esses nomes foram dados algumas vezes por causa de um líder heroico ou por outras causas muitas vezes também, e houve casos de

grupos que sustentavam os mesmos pontos de vista, foram tratados por nomes diferentes, em localidades diferentes. Mas, não obstante todas essas mudanças de nomes, havia um nome especial uma designação preferida, a qual se aplicava ao menos a um grupo de cristãos através de toda a “Idade das Trevas”. Esta designação era a de “Ana-Batista”, uma palavra composta que surgiu para designar um grupo de cristãos que apareceu na História durante o terceiro século; interessante notar que surgiu logo depois do batismo infantil e, o que é mais sugestivo ainda, apareceu antes do uso do nome Católico. Assim, “Anabatista” é o mais antigo nome denominacional da história. Uma remarcante peculiaridade desses cristãos foi e continuou a ser nos séculos sucessivos, a rejeição à doutrina humana do “batismo infantil”, e exigiam rebatismo mesmo quando tivessem sido batizados por imersão de todos aqueles que vinham se filiar a eles, tendo sido batizados na infância. Por causa desta peculiaridade eles foram chamados “Anabatistas”.

Esta designação especial foi aplicada a muitos dos Cristãos que tinham recebido outros apelidos; especialmente isto se deu com os Donatistas, Paulicianos, Albingenses, antigos Waldenses e outros. Nos séculos subseqüentes essa designação passou a ser aplicada a um grupo distinto. Estes eram então simplesmente chamados “Anabatistas” e gradualmente todos os outros nomes foram caindo do uso. Muito cedo no século 16, antes ainda, da origem da Igreja Luterana, a primeira de todas

as Igrejas Protestantes, a palavra “ana” foi entrando em desuso e eles foram simplesmente chamados “Batistas”.

“A Idade das Trevas” começou com um grupo formado de muitas Igrejas que nunca, de qualquer maneira, se identificaram com os católicos. No fim da “Idade de Trevas” veio um grupo de muitas igrejas, que nunca tiveram qualquer identificação ou ligação com os católicos.

As seguintes são algumas das doutrinas fundamentais que esse grupo seguia quando entrou na Idade Média. São as mesmas doutrinas que ele seguia quando saiu da Idade Média. São as mesmas doutrinas fundamentais que o mesmo grupo ainda hoje segue:

DOCTRINAS FUNDAMENTAIS

- Uma Igreja espiritual, tendo Cristo por fundador, único cabeça e legislador.
- Suas ordenanças – somente duas: o Batismo e a Ceia do Senhor. São simbólicas e memoriais, não são sacramentos.
- Seus oficiais – só duas classes: bispos ou pastores e diáconos. São servos da Igreja.
- Seu Governo – uma pura democracia. Executiva somente, não legislativa.

- Suas leis e doutrinas – no Novo Testamento e nele somente.
- Seus membros – crentes unicamente, salvos pela graça, não por obras, mas através do poder regenerador do Espírito Santo.
- Suas exigências – os crentes são recebidos na Igreja pelo batismo, que é administrado por imersão, seguindo obediente a todas as leis do Novo Testamento.
- As várias Igrejas são separadas e independentes na execução de leis e de disciplina, bem como na sua responsabilidade diante de Deus, mas cooperam, entanto, no trabalho.
- Completa separação entre a Igreja e o Estado.
- Absoluta liberdade religiosa para todos.

Lista parcial dos livros usados na preparação das palestras do “Rasto de Sangue”

A Guide to the Study of Church History – McGlothlin A Plea for the Cumberland Presbyterian Church– Jones
Americanism Against Catholicism – Grant Baptism – Conant, Baptist Biography- Graham Baptist Church Perpetuity – Jarrell
Baptist History – Cramp
Baptist History – Orchard Baptist History - Schackleford Baptist Principals Reset – Jeter Baptist Succession – Ray Baptists in Alabama – Holcomb
Encyclopedia Britannica, Britannica CD 2000, Edition 2000 Build 11 Domestic Campbellism Examined – Jeter
Cap the Churches of Piedmont – Alix Carson on Baptism
Catholic Belief – Bruno
Catholic Encyclopedia – (16 vols.) Christian “Baptism” – Judson
Church History – Jones
Church History – Kurtz Church Manual – Pendleton
Constitution of the Presbyterian Church in the USA
Disestablishment – Harwood
Doctrines and Discipline, African M. E. Church– Emory
Doctrines and Principles of the M. E. Church Early English Baptists – Evans Ecclesiastical History – Mosheim Encyclopedia Britiannica
Encyclopedia of Religious Knowledge – Brown Evils of Infant Baptism – Howell
Fifty Years Among the Baptists – Benedict Fox’s Book of Martyrs – Fox
Handbook of Church History – Green
History and Literature of the Early Churches – Orr History of Anti-Pedo Baptism – Newman
History of Baptists – Semple
History of Christian Church – Gregory History of Kentucky Baptists – Spence History of Redemption – Edwards History of the Baptists – Benedict History of the Baptists – Christian

History of the Baptists in New England – Burrage
 History of the Christian Religion and Church – Neader
 History of the Church – Waddington History of the Huguenots –
 Martin,
 History of the Liberty Baptist Association of North Carolina –
 Sheets
 History of the Presbyterian Church of the World – Reed
 History of the Reformation in Germany – Ranke History of the
 Waldenses of Italy – Combs History of the Welch Baptists – Davis
 Manual of Church History – Newman My Church – Moody
 Origin of Disciples – Whittsitt Presbyterianism 300 Years Ago –
 Breed
 Principles and Practices of Baptist Churches –
 Wayland
 Progress of Baptist Principles – Curtis Religions of the World –
 Many Writers
 Reminiscences, Sketches and Addresses – Hutchison Romanism in
 Its Home – Eager
 Schaff-Herzog – Encyclopedia of Religious Knowledge
 Separation of Church and State in Virginia –
 Eckenrode
 Short History of the Baptists – Vedder Short History of the Baptists
 – Vedder Story of the Baptists – Cook
 The Ancient Waldenses and Albigenses – Faber The Baptists
 Encyclopedia – Cathcart
 The Baptists in America – Cox and Holey The Faith of Our Fathers
 – Cardinal Gibbons The Faith of Our Fathers Examined – Stearns
 The Genesis of American Anti-Missionism – Carroll
 The History of Baptists – Backus
 The History of the Waldenses – Muston The Progress of Religious
 Liberty - Schaff The Story of Baptist Missions – Hervey
 The Struggle for Religious Liberty in Virginia – James
 The True Baptist – A. Newton
 The World's Debt to the Baptists – Porter
 Virginia Presbyterianism and Religious Liberty
 in Colonial and Revolutionary Times – Johnson